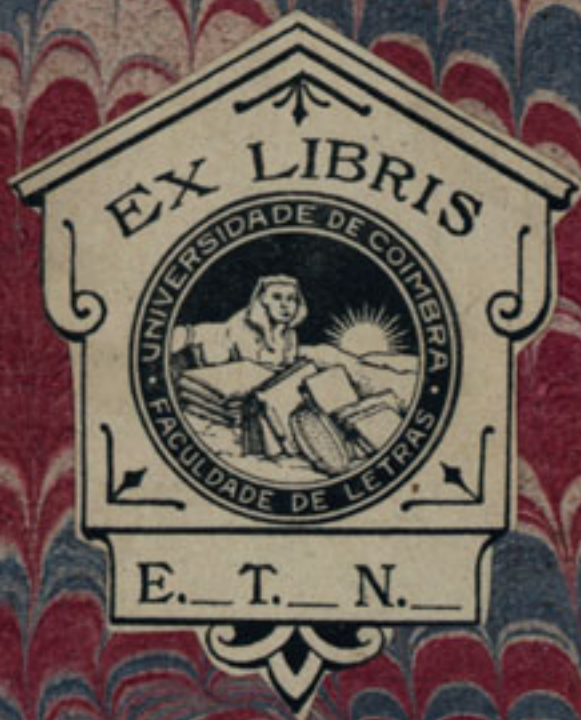


CF
E8
1

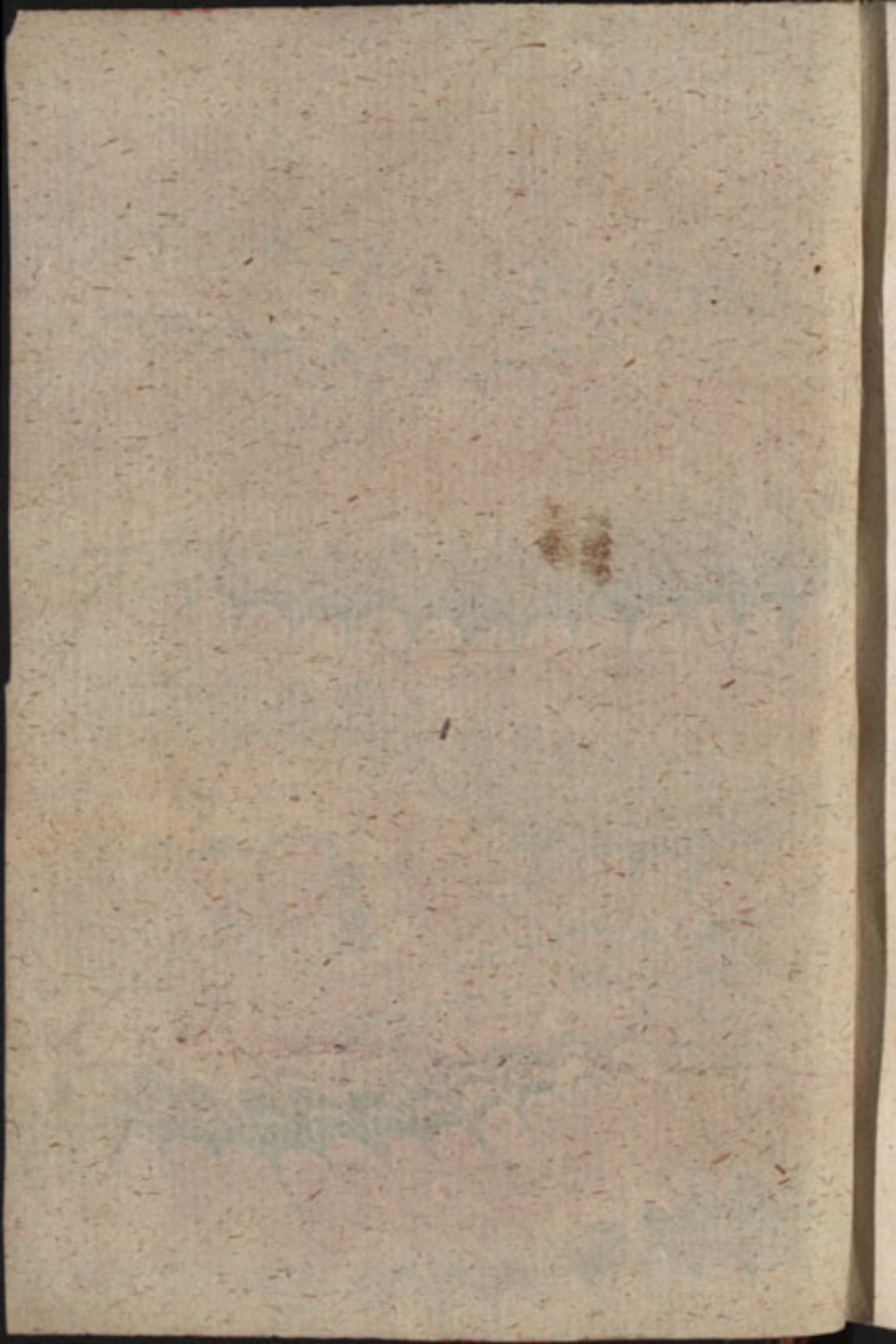


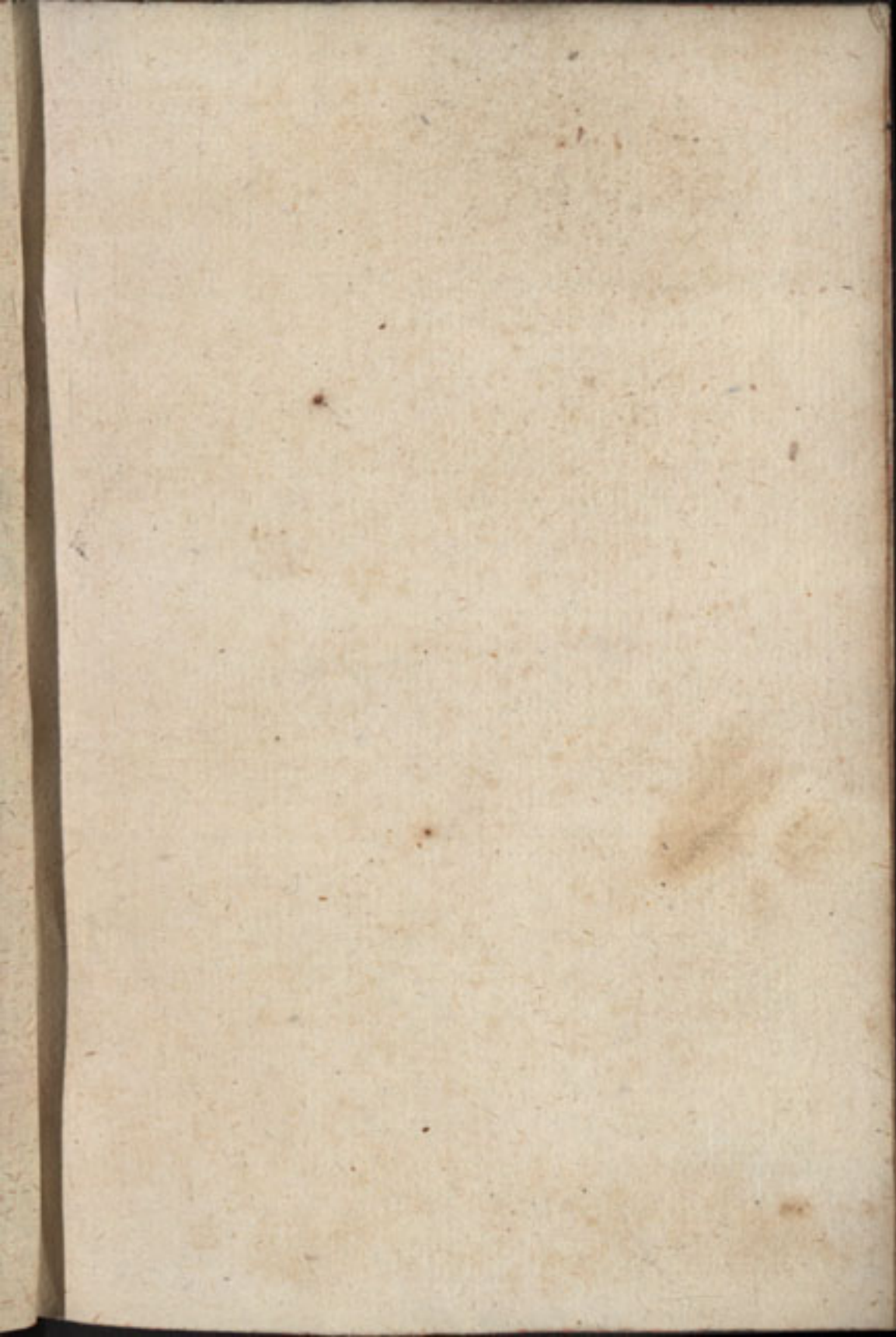


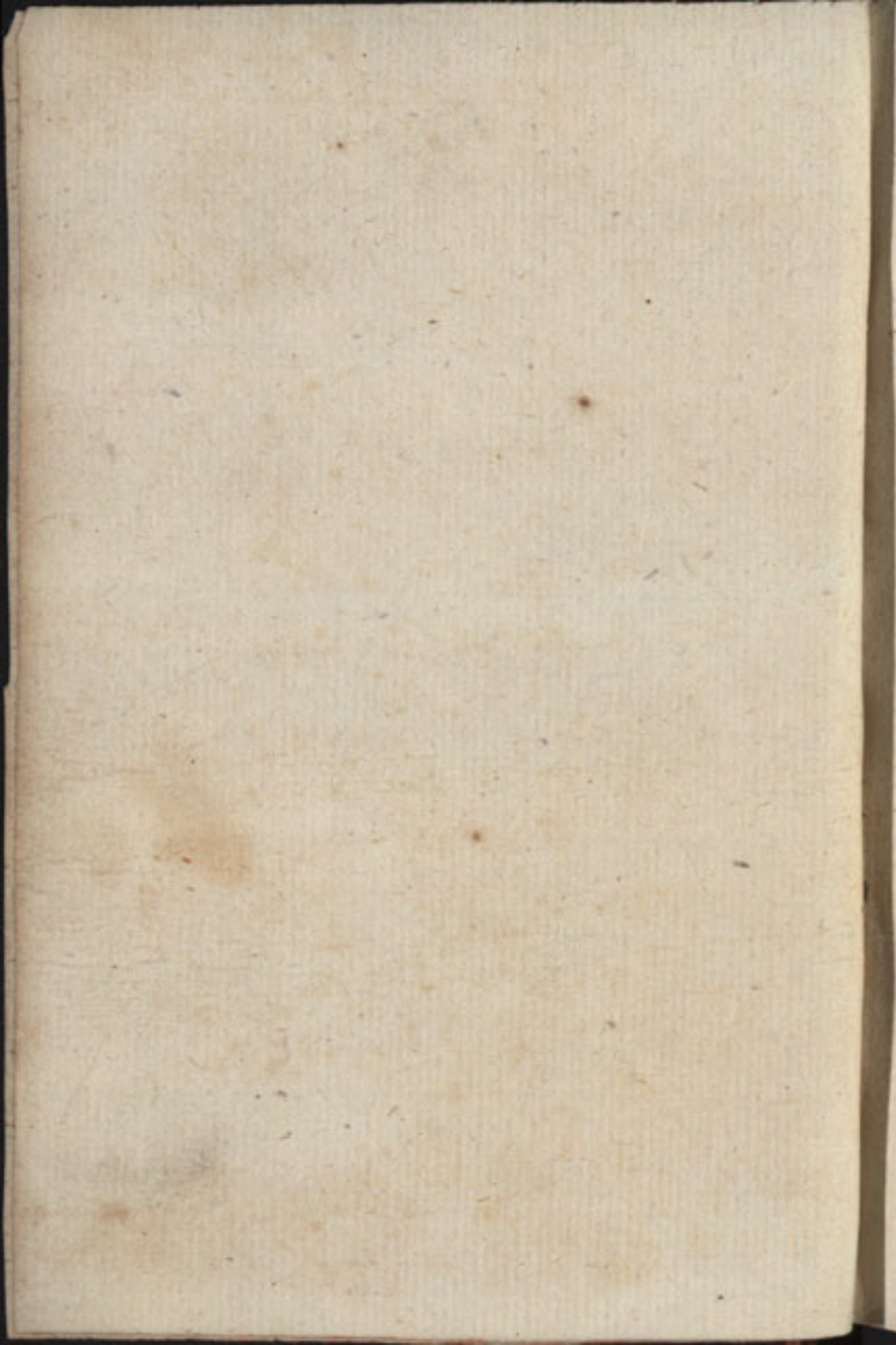
Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras



1317774059







888
143
107
• 9

10
T

Sala B
U
4

Sala CF
Est. E
Tab. 8
N.º 11

0-10-30

ESPELHO

DIAFANO, & CRYSTALLINO,
em que se retrataõ as vidas dos dous mais
austeros penitentes, S. Jeronymo habitador
dos alperos desertos da Syria, & S.
Bruno morador nos delabridos
montes da Cartuxa.

*Composto pelo R. P. Fr. GABRIEL DA PU-
rificação Monje de S. Jeronymo, professo do
Real convento de Bellem.*

Offerecido ao Exc^{mo.} Senhor

D. PEDRO LUIS

de Menezes, Marquez de Marialva, &c.

*Nas margens se allegaõ os passos da Escriitura, &
o que a Igreja canta na tenda de S. Jeronymo,
com o testemunho das Epistolas do
mesmo Santo.*

(✝)

LISBOA. Com as licenças necessarias.
Por MANOEL LOPES FERREIRA

Anno M. DC. LXXX.

*Reueme de Propina cobrada como
a do caso de 179 de mayo 1790.*

ESTADO

DE LAS
CANTIDADES
DE LOS
DINEROS
QUE SE
HAN
RECIBIDO
Y PAGADO
EN
EL
AÑO
DE
MDCCLXXII

D. PEDRO OLLER

de Madrid, contador de las rentas de
su Magestad

Yo Pedro Oller contador de las rentas de
su Magestad por el presente certifico
que en el presente libro se contiene
la cuenta de los dineros que se
han recibido y pagado en el
año de mill e setecientos e
veinte e dos años de su Magestad

En Madrid a diez e siete dias del mes
de Mayo de mill e setecientos e
veinte e dos años

Yo Pedro Oller contador de las rentas
de su Magestad

Boletín de la Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales
de Madrid, tomo 10, 1878, p. 100



AO EXC^{mo.} SENHOR

D. PEDRO LUIS

DE MENEZES,

Marquez de Marialva, Conde de Cantanhede, Gentil-homem da Camara d'el Rey, Mestre de Campo do terço pago da guarnição de Cascaes, Marichal do Reyno, Senhor do morgado de Medello, & das dittas villas de Marialva, & Cantanhede, & das de Avelás de caminho, Melres, Alvaro, Leomil, Penella, Povia, Val-Longo, Mondim, Cerva, Athei, & Hermello, Cô-mendador das Cômendas de S. Maria de Almonda, da Ordem de Christo, da de Serpa, & da de Aviz.

SENHOR.



*Q*ue sabem a luz com os partos de seus engenhos, costumão buscar em grandes Heroes asylo, sombra, & luz: asylo, que sustente as suas obras; sombra, que am-

pare seus discursos; luz, que illustre os rasgos de sua penna. Em V. Excellencia considero todas estas circunſtancias, para que lhe offereça esta obra, que se bem he limitada por seu Autor, he excellente por seus objectos, que são as vidas dos dous mais austeros penitentes, hum Jeronymo habitador dos desertos da Palestina, & hum Bruno morador dos desabridos montes da Cartuxa. Em quem se podia buscar asylo para sustentar obras, que são filhas do juizo, senão em sujeito tão discreto como V. Excellencia, em quem se acha engenho tão subido, discurso tão relevante? em quem sombras que amparem, senão em hũa tão copada arvore como V. Excellencia, cujos ramos procedidos de tão illustre tronco, podem tocar nas estrellas? em quem luz que illustre, senão em quem he Sol de toda a nobreza? Pudera parecer arrojo, & temeridade recorrer com esta obra à protecção de V. Excellencia sem beneplacito seu, senão me disculpava a noticia que tenho de sua generosidade, & de sua esclarecida nobreza, a qual passo em silencio por não manchar com meus toscos borrões o lustroso resplendor de seu sangue: porque referir os elogios de sua fama, são escusados aos limites de minha penna, quando todos voão nas pennas das azas da mesma fama. Offereço finalmente este poema aos olhos de V. Excellencia, o qual se por ir
rubri-

rubricado de meu nome, podiaõ estes dous Santos perder algũs de seus realces, amparado de taõ grande Heroe, sõ podiaõ adquirir o mayor lustre. Receba V. Excellencia esta piadosa obra, que lhe dedica o meu affecto, & devoçaõ, que supposto que limitada, ja se sabe que o Sol infunde tanto o luzido de seus rayos no precioso do diamante, como no humilde de hũa flor; & em toscos fumos de hũa resina, sabe Deos estimar o mais encendido de hũa chama. E se versos saõ as flores do engenho, a quem se haviaõ de arrimar estas, se não a hũa arvore taõ crescida no talento? Porque he certo, que a mesma natureza ensina, que a mais fragil planta para se conservar, se arrima tal vez ao levantado de hum Cedro. Prospere Deos a saude de V. Excellencia com os augmentos, que meu affecto lhe deseja.

Seu Cappellaõ, & menor servo,

Que suas mãos beija.

Fr. Gabriel da Purificaçaõ.

*IN LAUDEM AUCTORIS
admirabilem D. Hieronimi, & Sancti Bruno-
nis vitam mirifice describentis, Roderici
Rebello, & Silva.*

EPIGRAMMA.

MAxima dū, P. Gabriel, miracula pādis,
Mōstendis tanti filius esse patris.
Sed cū Brunonis sapiēs facta inclyta cantas,
Te bis fel icem gloria tanta beat :
Ergo inter fratres poteris jam rectè vocari
Religionis honos, Bethlemi cūque decus.



DO MESMO AUTOR!

SONETO.

Qual del musico Amphion la dulce lira
(Ingenioso Gabriel) tu voz sonora,
Afida de la Diosa voladora,
Suena admirando quanto Febo gira.
Abfarto queda quien tus versos mira,
O' de embidia, ò de gofo Apolo llora,
Solo tu musa del Parnazo Aurora,
Brilla, hechiza, suspende, canta, admira.
De Jeronymo, y Bruno (pluma rara)
Pudiste descriuir la vida austera,
Eternizando de ambos su luz pura;
Pero alabar tu ingenio cosa es clara
Que nadie lo podrà por màs que quiera,
Mientras no le prestares tu cordura.

(
(
(
*DO DOCTOR ANDRÉ NUNES DA
Silva, ao Autor.*

S O N E T O,

SO de Gabriel a lira sonora
De Bruno, & de Jeronymo cantàra,
A penitencia, a todas luzes rara,
A santidade em ambos prodigiosa,
Com igualdade fez maravilhosa,
A que só penna Angelica voàra,
Hum, a aspereza da Cartuxa clara,
Outro, de Syria a solidaõ famosa.
Cantai dos penitentes a vitoria
Que se no horto a dor Gabriel serena,
Immitallo deveis nesta memoria:
Pois que logrem por vós o Ceo ordena,
Elles na mayor pena a mayor gloria,
Nòs a gloria mayor na melhor penna.

DE ANTONIO MARQUES LESBIO.

S O N E T O.

OH tu de Aguila pluma peregrina,
Oh de candido Cisne voz suave,
Que en remontado buelo, y tono grave,
Tan docta escribes, quanto fueras fina.
La unica Feniz oy de Palestina
De los dos testamentos aurea llave
Altiua escribes; cantas aquella Ave
Solitaria, honor claro de Agrippina.
Su pluma el gran Jeronymo depone,
Por leer sus aplausos en tu pluma,
Y que esta nueva gloria le corone.
Por escuchar tu voz Bruno consume
La regla, con q̄ al labio el dedo oppone,
Porque es tu pluma, y voz de Angel en
fuma.

DE SEBASTIAM DA FONSECA
& Paiva.

REDONDILHAS.

A Vòs credito de Athenas,
Louva minha musa fiel,
Que Anjo sois por Gabriel,
Por entendido Mecenas.
Nesse retiro a Thalia,
Vos assiste pessoal,
Fazendo obra tão real,
Que houve mister portaria.
O louvor vos não impugno
Desta vida que escreyestes,
Porque vòs sempre fizestes
Huma vida de São Bruno.
Porèm vejo-vos diverso
Em versos de tão bom lote,
Que foy Bruno Sacerdote,
E vòs o fazeis com verso.
Que Bruno qual rosa tinha
A vida, dais a entender,
Pois por carne não comer,
Andava sempre na espinha.

Pintaes o Paiz taõ bem,
Que parece fica perto
O da Cartuxa deserto
Do retiro de Bellem.
Sois de Bruno Coronista,
De Jeronymo escriptor,
Que no habito, & na cor
Tudo he hum quanto se avista.
Pintastes ao natural,
Como perito pintor,
Hum em incendios de amor,
Outro em rios de coral.
Cantais como rouxinol,
De vosso Padre, & ha questaõ,
Porque o fazeis de Leaõ,
Como se fora Hespanhol.
Pinta vossa erudiçaõ,
Hum, & outro com tal gala,
Que hum naõ se ouve, & outro fala
Sempre com pedras na maõ.
E porque o Santo discreto
Sempre erudito Doutor
He vosso empenho mayor
Escutai este Soneto.



S O N E T O.

COmo musico, & Sol, a luz nos dèstes,
de Jeronymo a vida que pintastes,
Sendo oytavas o metro que tomastes,
Sendo luzes as Rimas que fizestes.
Com tantas consonancias compuzestes
O livro com que a todos admirastes,
Que ao som da penna musico cantastes,
Que ao sô da gloria armonico escrevestes.
De cantar, & luzir vos deu a posse
Hum talento que o Ceo subtil, & grave,
Vos quiz dar, porque nossa gloria fosse.
A vossa erudição servio de clave,
Como musico insigne, escreveis doce
Como Apollo cantor dictais suave.

DE HUM AFFEIC, O ADO AO
Autor pela metafora da musica.

S O N E T O.

Neste duo Gabriel, que compuzestes,
As melhores duas vozes ajuntastes,
Húa na Palestina, em que cantastes,
E outra na Cartuxa, que metestes.
A melhor consonancia já fizestes,
Quando a voz em Jeronymo elevastes,
Nesta musica os passos em que entrastes,
Foy seguindo de Bruno os passos lestes.
Em unifonus pondes duas vozes,
Que a musica do Ceo melhor cantaraõ,
Aonde qualquer delles muito brilha.
E os passos que ao Ceo deraõ velozes,
Vos seguis em oytavas, que admiraraõ,
Sendo cada húa oytava maravilha.

DO MESMO AUTOR.

DECIMAS.

Gabriel vossó juizo,
He taó subtil, & elevado,
Que por ser taó levantado,
Que naó se alcance, he preciso;
A discretos dais aviso
Nas oytavas que computo
Que duvide o mais astuto,
Que oytavas de tanto espanto
No profundo pezem tanto,
Se no subtil sobem muito.

A Santos, aos quaes requesta,
A Igreja em modo diverso,
Dais as oytavas em verso,
E a nós oytavas de festa,
Gabriel o que aqui resta,
He sem rodeyo, ou desvio,
Julgar com animo pio,
Que estes discursos gentis,
Em oytavas taó sutis,
Todos pezaó ouro fio.

Vossas discrições sem par,
Do melhor juizo provas,
Podendo-as dar por arrobas,
Por oytavas quereis dar;
Porèm eu venho a julgar,
Conforme as noticias tenho,
Que foy errado desenho,
Para quem já tanto alcança
Querer pezar em balança,
Por oytavas tanto engenho.

DE JOSEPH DE BRITO, & PAIVA

S O N E T O.

A Vòs, ò Gabriel douto, & sciente,
De Jeronymo filho, o mais amante,
Celebra minha voz firme, & constante
Minha musa venera reverente.

Pasmo do mundo sois, por eminente,
E a fama na trombeta mais flámante,
Chega já com seus eccos ao Levante,
E muito além retumba do Occidente.

Portento singular da natureza
Sois no estylo discreto, & mais fecundo
Tal, que por outro Apolo a redondeza
Vos julga na poesia sem segundo,
Porque escreveis com tal delicadeza,
Que sois admiração a todo o mundo.

DE LVIS DE MELLO.

SONETO.

S Olfa tu estylo, en dulce consonancia,
Dos vidas canta voces de eloquencia,
En que maxima fue la penitencia,
En que longa se encuentra la constácia.
De Jeronymo, y de Bruno en la observácia,
Los puntos de la Fé con excelencia,
De aumentacion los hizo su abstinencia,
De perfeccion los haze tu elegancia.
Tu lira siempre acorde se dispuso,
Al compaz ingenioso de tu aviso,
A entonar su virtud, q̄ amor compuso.
Que es la mayor en termino preciso,
Que a los breves del tiépo puntos puso,
Que a las falsas del mundo fugas hizo.

DO PADRE MANOEL DE
Abrantes.

EPIGRAMMA.

Hosce duos potuit meritis superare
quis unquam,
Mæonio pergis quos celebrare stylo?
Te quis at ingenio poterit superare ca-
nentem
Maxima, quæ reliquis prætereunda forêt?
Te quibus afficiat lector pius, atq; disertus
Laudibus, hoc fundit cui tua Musa melos?
Ad cælû dignis te laudibus offeret, omnes
Qui velut ingenio, sic pietate præis
Hosce duos dum dulcè canis virtute Gi-
gantes,
Fis (liquet) ingenio, fis pietate Gigas.

DE JOAM PEREIRA DA SILVA.

SONETO.

S Acra a la gruta de Belen, no tanto
La penitente purpura, que admira
Pasmo fue; como Angelica tu lira
(Docto Gabriel) a Lusitania espanto:
Ni de aquel otro aquel silencio santo
Mas asombro infundir la Galia mira,
Como aqui infunde el son, como aqui
inspira
Mudez más superior metrico el canto.
De santidad en el extraño modo
Al universo en fin sea cad' uno
En vida un Sol en fortaleza un Godo:
Que ò Jeronymo pulse, ò calle Bruno,
En el pulsar, y enmudecer a todo
Como ti (Gabriel) no havrà ninguno.

LICEN-



LICENCAS

Do Santo Officio.

O Livro, de que esta petição faz menção, não tem cousa alguma contra nossa santa Fé, ou bõs costumes. Lisboa S. Domingos 6. de Novembro de 1689.

Fr. Manoel Veloso.

Pode-se imprimir o livro, de que esta petição faz menção, que contem as vidas de S. Jeronymo, & S. Bruno, menos o riscado, & emendado, & depois de impresso tomarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrà. Lisboa 29. de Novembro de 1689.

Soares.

Pimenta.

Beja.

Castro.

Fr. Vicente.

Foyos.

Azevedo.

Do

Do Ordinario.

POde-se imprimir este livrinho, menos
o que vay riscado, & emendado, & de-
pois tornarà para se conferir, & se dar li-
cença que corra, & sem ella naõ correrà.
Lisboa 16. de Janeiro de 1690.

Serraõ.

Do Paço.

QUe se possa imprimir, vistas as licen-
ças do Santo Officio, & Ordinario, &
depois de impressõ tornarà à Meza para se
conferir, & taixar, & sem isso naõ correrà.
Lisboa 20. de Janeiro de 1690.

Lamprea.

Ribeiro.

De se imprimant esse licitum, mentes
deque vray rickdo, & emendado, & de
nos conuata para se conseru, & se dar li
conseruacione, & sem ella no conseru.
Lisboa de Janeiro de 1600.

LICENÇAS

Do Paço Real

Que se possa imprimir, viltas de licen-
ças do Santo Officio, & Ordinario, &
depois de impellido tornara a Mexa para se
conseru, & trixat, & sem elle no conseru.
Lisboa de Janeiro de 1600.

De se imprimant esse licitum, mentes
deque vray rickdo, & emendado, & de
nos conuata para se conseru, & se dar li
conseruacione, & sem ella no conseru.
Lisboa de Janeiro de 1600.

João de Castro
João de Castro



ESPELHO

DIAFANO, & CRYSTALLINO,

Em que se tratta a vida do mais austero penitente S. Jeronymo, habitador dos asperos desertos da Syria.

I.



Sabio Salamão da Ley da Graça,
 O Baptista da grande Palestina,
 O Elias no zelo, com que traça
 De Deos a mais segura, & fiel doutrina,
 O Tullio Catholico, que passa
 Da Esfera mais humana à mais divina,
 Em effeito a hum Paulo no erudito,
 Com que suas Epistolas ha escrito.

A

O exem-

2.

O Exemplo mayor da santidade,
 O Fenix do amor mais abrazado,
 O Pasmô universal de toda a idade,
 O Penitente austêro, & mais domado,
 O Sabio de mayor autoridade,
 Em oytavas serà mais celebrado,
 Se bem que taes virtudes, & acções bravas
 Não se podem medir só por oytavas.

3.

Em effeito Jeronymo divino
 (Que isto diz o seu nome venturoso)
 He de meu verso o assumpto peregrino,
 De minha humilde penna o generoso
 Objecto, de excellencias o mais digno;
 E assi com hum applauso glorioso
 Voarà minha penna mais ditosa,
 Quando meu verso exceda à melhor prosa.

4

Jà o coro das Mufas celebrado
 Invocar não pretendo nestes versos,
 Que para ser Jeronymo louvado,
 Seus conceitos serão muito perversos:
 Porque hum Doutor, que foy tão laureado
 Com louvores, & applausos tão diversos,
 Para delle falar com mais decoros,
 De Anjos invocarei os nove coros,

5

Oh vòs q̄ em folio excelso, se eminente
 Occupais deffe Ceo suas alturas,
 Louvando sempre a Deos perennemente;
 Pois fois intelligencias tão puras,
 Sò vòs podeis louvar a quem sciente
 Intelligencia deu às Escritturas,
 Desção vozes do Ceo a louvor tanto,
 Para que a minha suba neste canto.

6.

Nos confis da Dalmacia celebrada
 Nasce o grande Jeronymo, Menino
 Em estrella tão alta, & elevada,
 Em:taõ feliz annuncio, & claro signo,
 Que a mais sonora voz mais levantada,
 Lhe prognostica logo o ser divino;
 Se nasce para o mundo, já entendo
 Que a ser Mestre de todos vem nascendo.

7.

Logo que teve idade, muy previsto
 Seu pay o manda a Roma, porq em Roma
 Receba a vestidura alli de Christo,
 O que elle com espirito bem toma;
 As artes liberaes, que nella ha visto
 Em muito poucos annos todas soma,
 E as sciencias em Roma aonde esteve,
 As alcançou alli todas em breve.

8.

Na Grãmatica em Roma, ao graõ Donato
Teve por mestre seu mais excellente,
E em seus principios deu tanto boato,
Que aos mais com seu saber tão eminente
A todos os metia em hum çapato,
Mas alli muito mais foy diligente,
Quando estudou com lances mais seguros,
Naõ os verbos presentes, mas futuros.

9.

As partes da oraçãõ na Rudimenta
Forão as que melhor o Santo entende,
E quando esta Grammatica a intenta,
A oraçãõ com Deos melhor aprende;
Nas flores da rhetorica se augmenta,
De quem a oratoria mais depende,
E em oraçãõ muy santa fez notoria
A melhor eloquencia, & oratoria.

Posto que a natural Filosofia
 Jeronymo estudou com bom talento,
 Em esta tal sciencia bem se via
 Que se em ella foy grande portento,
 Outra melhor sciencia elle aprendia
 Em seu mais levantado pensamento;
 E para mais de Santo ter a palma,
 Nella melhor estuda os livros d' alma.

II.

Hum syllogismo fez muy excellente
 De mayor, & menor, & consequencia,
 A mayor põem no Ceo por permanente,
 E tendo cà da terra experiencia,
 Poz em ella a menor, como prudente;
 No argumento mostrou toda a sciencia,
 Porque a consequencia que alli tira,
 A sua salvação sómente aspira.

12.

A mais firme, & sagrada Theologia
 Estudou com virtude muito sêria;
 E tanto se cançava noite, & dia,
 Que ao estudo já mais deu nunca feria,
 E porque na virtude só luzia,
 Não tomou de *peccatis* a materia,
 Porque cõ melhor modo, & melhor traça,
 A materia só quiz faber da graça.

13.

Positivo se chama qualquer Santo,	<i>Hic magnus</i>
E por Christo de <i>magnus</i> nomeado,	<i>vocabitur.</i>
Comparativo o Baptista o foy tanto,	<i>Nō surrexit</i>
Que de Deos por mayor foy acclamado:	<i>maior. Cōf-</i>
Jeronymo porèm foy com espanto,	<i>fessore</i>
No faber, & virtude adiantado,	<i>tuum</i>
Tanto que da sciencia sendo archivo	<i>Doctore</i>
Por ser maximo, foy superlativo.	<i>maximū</i>

14.

Na milicia de Christo gran soldado,
 Com muy grande valor sempre peleja,
 E sendo na Escrittura tão letrado,
 Com a penna defende a mesma Igreja;
 Nas armas, & nas letras laureado
 Aos mayores Doutores causa inveja ;
 Se sua penna ao hereje espada he dura,
 Com tal penna realça a Escrittura.

15.

*Erexe-
 rat illū
 Deus
 murum
 Sion mō
 tis san-
 Et sui.* Qual muro de Sion Cidade santa
 No seu excelsō monte sublimado
 A Jeronymo Deos tanto levanta,
 Que para sua guarda vem pintado;
 Em elle aos inimigos muito espanta,
 E tem qual muro, a Igreja bem cercada,
 Porque herejes raposas tão daninhas
 Não destruíão da Igreja as fortes vinhas.

Com

16.

Com armas de valor, & valentia	
A hum Leão fatal, & generoso,	<i>Vicit</i>
Vio Joáo em o Ceo que hum livro abria,	<i>Leo de</i>
Em tudo muy subtil, & mysterioso,	<i>Tribu</i>
Jeronymo qual Leão sempre bramia,	<i>Juda ra</i>
Ao hereje cruel, falso, & danoso;	<i>dix Da-</i>
Com o livro em que estuda o desterra,	<i>vid ape-</i>
E com armas de Leão lhe faz mais guerra.	<i>vire lib.</i>

17.

Foy o centro de toda a sapiencia,	
Da santidade foy todo o modello,	
O que aprendeo em Deos toda a sciencia,	<i>Clarus</i>
Em que se vio da Fé o mayor zelo,	<i>Doctór,</i>
E em huma sincera consciencia	<i>& lux</i>
Sempre quiz parecer muito singello;	<i>fidelis.</i>
E com ser Santo duplex celebrado,	
Nada teve no mundo de Dobrado.	

Inter-

18.

Interprete famoso da Escrittura,
 Commentava os lugares mais escuros,
 Com doutrina fiel, & mais segura,
 Ensinando caminhos os mais puros,
 Nos quaes a mesma Fé mais se assegura,
 E habitando da Syria os montes duros,
 Aos Dogmas approvados do Concilio
 Mais comentários deu já, que tem Virgilio.

19.

Lugares da Escrittura singulares
 O Santo os explicou com tanto extremo,
 Que compondo em ella de lugares,
 Nella tem de Doutor lugar supremo;
 E compondo os livros a milhares,
 O dizer de tal Santo já não temo,
 Que se os livros compoz com tanto gofsto,
 Elle quiz sempre ser o mais composto.

*Deus
 qui in-
 exponē-
 dis sacr.
 Script.
 Hieron.
 provide-
 re digna
 tus es.*

A agoa

20.

A agoa da mayor sabedoria,
 Que Deos communicou ao illustre Santo,
 Com ella apaga o fogo da heresia,
 Com tanta admiração, tão grande espanto,
 Que a todo juizo humano confundia,
 E esmera-se Jeronymo em isto tanto,
 Que de agoa de sciencia tanto plena,
 De Jeronymo basta huma sô penna.

21.

Tão divina ostentou sua sciencia,
 Tão divino o saber, que em si encerra,
 Que exceder muy bem pôde na eminência, *Lingua*
 A mais grande sciencia cà da terra: *tua cala*
 Porque teve do Ceo tal sapiencia, *mus Spi-*
 Que com ella a ignorancia se desterra, *ritus S.*
 E aquillo que sua lingua pronuncia,
 A penna só de Deos a escrevia.

Foy Sol sem ter eclipses, nem desmayos,
 Em este Ceo da Igreja Militante,
 Donde fez na sciencia mil ensayos,
 Para nella fahir grande estudante;
 Da sua luz despedio diversos rayos,
 Porque foy quando Sol, o mais brilhante,
 Rayo de luz à Igreja, a quem servia,
 Rayo de crucl fogo à Heresia.

*Namli-
brũ, quẽ
dignus
est ag-
nus ape-
rire, tu
dignẽ ex
plicare,
E illust.
meruisti*

O livro que no Ceo abre o Cordeiro,
 O explicou com engenho o grande Santo;
 Parece que deu Deos lugar primeiro
 A Jeronymo, & causa grande espanto,
 Porque Deos sendo Mestre verdadeiro,
 A sciencia de Jeronymo estima tanto,
 Que qual Discipulo o livro abre na classe,
 Porque o Santo qual Mestre o explicasse.

24.

Sò para confutar razões aduerfas,
 Que a Catholica Igreja desbarata,
 Quiz lingoas aprender muito diuerfas,
 Com que as lingoas de herejes todas ata,
 E de suas razões tanto peruerfas,
 Com tres lingoas o Santo se recata,
 Delle posso dizer fem muita mingoa
 Que teve, sendo Santo, muita lingoa.

25.

Húa voz de trovão, q̃ ao mundo espanta,	<i>Audiui</i>
Ouve no Apocalypse o Evangelista,	<i>vocem</i>
Huma voz de huma cytara que encanta,	<i>tonitruu</i>
No mesmo tempo o Santo alli regista,	<i>magni.</i>
De Jeronymo o mundo todo canta,	<i>Cythare</i>
E diz com mais discurso, & melhor vista,	<i>dorum</i>
Que se sua voz à Igreja tão-bem soa,	<i>cythari-</i>
He trovão a herejes que os atroa.	<i>zātium,</i>
	<i>in cytha</i>
	<i>ris suis.</i>

No

*Ut in
lumine
tuo lu-
men vi-
deremus
Fidei.*

No candieiro mais alto da Igreja,
De Jeronymo poz Deos sua luz pura,
Para que assi o mundo todo veja,
Que a Fé a nossos olhos tanto escura,
Hum Santo, a quem o Ceo tanto festeja,
Os realces desta Fé tanto os apura,
Que posto o lume della no alto cume,
Com tal lume da Fé se via o lume.

Em colloquios divinos se empregava,
E em a oração de dia, & noite,
Com húa mão abre o livro em q̄ estudava,
Tem na outra a disciplina para o açoite,
Com isto tanto em Deos já se arrobava,
Que para quem a isto mais se afoite,
Sendo tão brando, manso, & moderado,
Sem colera se via arrebatado.

28.

Diz David que assi Deos aperfeiçoa,
 Da bocca dos meninos seus louvores,
 Que este louvor pequeno, & esta loa,
 São para Deos applausos os mayores;
 Qual menino Jeronymo entoa
 Seus louvores a Deos com bem primores,
 E sendo homem crescido na sciencia,
 Parecia menino na innocencia.

*Ex ore
 infantium,
 &
 lactētium
 perfecisti
 Deus
 laudem
 tuam.*

*Ex ore
 Hieron.
 perfecisti
 Deus
 laudem.*

20.

A sciencia se dà muy vigilante,
 E tanto se exercita na sciencia,
 Como se a vida fora muy constante;
 Temeroso porèm na consciencia,
 Julga que a vida he já hum breve instante;
 E se no estudo mostra a permanencia,
 Mostra em o temor com que vivia,
 Como haver de morrer ao outro dia.

*Stude
 quasi sē-
 per vi-
 turus, &
 vive
 quasi
 cras mo-
 riturus.*

30.

Foy o q̄ escrevêo mais sobre os Profetas
 Com grande discrição, mayor engenho,
 O que compoz epistolas discretas
 Com grande erudição, subtil desenho;
 E deixando-as todas muy completas,
 Delle com bem rafaão a inferir venho,
 Que sem ser tabellião de notas puras,
 Se quiz sempre metter com Escritturas.

31.

Em todos os estados fala tanto,
 Quando a todos dà regra, & documentos
 Que causão admiração, & causa espanto
 Aos que nelle vem tantos talentos,
 E se hum o seu talento esconde a hũ canto
 Da terra, naõ he isto o mor portento;
 Mas talento de Santo tão fecundo
 Mal podia esconderse ao mesmo mundo.

32.

Na solidão mais aspera, & mais dura,
 Donde os dias passava rigorosos,
 Lá manda consultar da Escrittura
 Santo Augustinho os pontos duvidosos,
 E em Jeronymo busca a mais segura
 Explicação aos mais difficultosos;
 Que para ter de sabio o caminho,
 Basta ser consultado de Augustinho.

*IllumS.
 August.
 de locis
 Scrip-
 tura dif-
 ficilimis
 saepe cõ-
 suluit.*

33.

Duas azas de Aguia mais subida,
 Se derão à molher, que era a Igreja,
 Quando se vio de hú drago perseguida,
 Para que em hum deserto livre esteja:
 Estas azas que à Igreja são guarida,
 Sendo da Aguia Augustinho, he bé se veja,
 que para a defenderem com acerto,
 Vão buscar a Jeronymo ao deserto.

*Data
 sunt eò
 dua alla
 aquile
 ut vola-
 ret in
 desertõ.*

34.

Tanta foy de Jeronymo, a sciencia,
 E em letras, & saber já tanto avulta,
 Que os negocios de mais intelligencia
 Com elle o Papa Damafo os consulta:
 Dos tribunaes do mundo a experiencia
 Se diz, que sobe ao Rey toda a consulta;
 Mas no supremo tribunal da Igreja
 Desce ao grande Jeronymo que a veja.

35.

Porque da Fé levante o estandarte.
 Quiz por climas andar muy differentes,
 Discorrendo do mundo a mayor parte,
 Para aprender de mestres excellentes,
 E por falar com modo, engenho, & arte
 A mesma lingua Hebreia, lima os dentes,
 Mas para que ao Hereje mais aturda,
 Para o mais destruir foy lima furda.

36.

Como do mundo Sol resplandecente,
 Ao Hereje offendia com seus rayos,
 Que cego de sua luz clara, & luzente,
 A' luz de tanto Sol, tem seus desmayos,
 E qual cego, que a vista tem ausente,
 E naõ pòde do Sol ver seus ensayos,
 Como dando de mão à luz brilhante,
 Lhe pôem ao mesmo Sol a mão diante.

37.

Assi do Hereje infausto, o illustre Santo
 Se vio de seus errores perseguido,
 Cuja perseguição lhe durou tanto,
 Que dizer neste passo já duvido,
 O quanto padecè, & tambem quanto
 De sua prava lingua foy mordido,
 Se lhe faltou de martyr o cutello,
 Naõ lhe faltou de Herejes o martello.

*Non ta-
 men de
 fuit ha-
 reticorũ
 malleus,
 qui se
 perpetu-
 is incus-
 sionibus
 corona-*

Bij

A Je-ret.

38.

A Jeronymo deve a Igreja santa
 Estar com resplandores tão luzida,
 Por traduzir os Psalmos que ella canta,
 E lhe escrever dos Martyres a vida;
 Os Proverbios do Sabio, com luz tanta
 Traduzio em tres dias, com medida,
 E contra Vigilancio foy açoite,
 Compondo hum livro todo em húa noite.

*Tanquã
 ad ora-
 culũ ex
 omnibus
 orbis ter-
 re par-
 tibus ad
 ipsum
 divina
 Scriptu-
 ra ques-
 tiones
 explicã-
 da refe-
 rebatur.*

39.

Como universal Mestre nas sciencias
 O busca toda a escola dos Doutores,
 Porque tem com muy certas experiencias,
 Que era a sua doutrina sem errores:
 Todos segurão nelle as consciencias,
 Sem que tenham de escrupulos temores,
 Qual oraculo aonde a Fé se encerra,
 Vão consultallo os sabios da terra.

Com

40.

Com hum Christo na mão contêplativo,
 Com húa pedra na outra penitente,
 Com golpes todo o corpo feito hũ crivo,
 O livro aberto tem perennemente,
 N'hum mesmo tempo fez hum adjectivo,
 Unindo tanta parte differente;
 E quando he hum sômente nas emprezas,
 Se multiplica em muitos, nas finezas.

41.

Já pedra do deserto se nomea
 Jeronymo austero, & penitente,
 E desta pedra dura a forte vea
 Quebra com duros golpes continente:
 Para que em sua vida bem se lea,
 Que estava no rigor tão permanente,
 Que a pedra em q' na mão tanto se estriba,
 Dava em outra pedra, ou rocha viva.

*O lapis
 inclyte
 deserti
 qui Dei
 digito
 tutus.*

42.

Com hũa ancia discreta, & generosa,
 Entre da Syria os asperos penedos,
 Accrescenta hũa pedra rigorosa
 A feu peito fiel, sem nenhús medos,
 Mas elle a torna pedra preciosa,
 Quãdo a toma nas mãos, & entre os dedos,
 E feito já do amor ardente fragoa,
 De seus dous olhos fórma o anel d'agoa.

43.

Se de hũ adagio antigo o mundo ouvia,
 Que tanta agoa dar pode em pedra dura,
 Que a quebre, se em lhe dar muito porfia;
 A pedra de Jeronymo alli atura
 No deserto da Syria, em que se via,
 E não mostra esta pedra mais brandura,
 Porque era no rigor tão forte, & grossa,
 Que nella a agoa dos olhos não fez mosia.

Quan-

44.

Quando em seu coração via impurezas
 Logo accodia à pedra em continente,
 Sofrendo de seu golpe as asperezas,
 E mostrando no ser de penitente
 De seu peito fiel grandes empresas;
 Dos defeitos que aos olhos tem presente,
 Vive delles tão pouco satisfeito,
 Que os lançava de si aberto o peito.

45.

Ao abrir com hũa lança hũ mão foldado
 De Christo o peito sacrosanto, & puro,
 Agoa deu logo, & fangue de seu lado, *Cōtinuò*
 A' ponta do impio ferro, então mais duro: *exiuit*
 Desta fineza grande foy traslado *sanguis,*
 Jeronymo da Igreja forte muro, *& aqua.*
 Pois quando seu amor mais o defagoa,
 O peito brota o fangue, os olhos a agoa.

46.

Com a pedra na mão a golpes duros,
 Da virtude que tem mal satisfeito,
 Avançou là do Ceo os altos muros,
 E batendo co a pedra o debil peito,
 Desfez os pensamentos menos puros;
 Co sensual appetite tão fugeito,
 Que sem que a penitencia alli se mude,
 Ficou de pedra, & cal nelle a virtude.

47.

Tanto fangue do peito já corria,
 Quando a golpes mais duros o trattava
 No sacrificio que de si fazia,
 No fangue que continuo derramava,
 Hostia a mais pura a Deos se offerencia,
 E da pedra, que o peito lastimava,
 Fez pedra de Ara, tendo de caminho,
 O seu ferido peito por fanguinho.

A Chri-

48.

A Christo em húa mão tinha patentê,
 Eco' húa pedra na outra já feria *Petra*
 A seu corpo cançado, & penitente *autem*
 E sendo Christo pedra, bem se via *erat*
 Que duas pedras tem continuamente *Christ-*
 A seus chorosos olhos, noite, & dia: *tus.*
 Verificando então com muitas medras,
 Que em tal S. se encontrão nelle as pedras.

49.

Com húa penitencia aspera, & dura,
 Húa pedra tomando muito a geito
 Os seus golpes mais duros tanto atura,
 Que já dizer se pòde, ao que suspeito
 Que qual louco de amor, q' não tem cura,
 Atirava com pedras a seu peito;
 E por louco de pedras não duvido
 Que pelo mundo andasse tão despido.

Sendo

50.

Sendo puro na vida, foý traslado,
 E foy de penitentes documento,
 Julga o menor defeito por peccado.
 E por culpa o mais leve pensamento,
 E sendo Confessor tão approvedo,
 Dando aos austeros Monjes documento,
 Mais que de Confessor tão excellente,
 Quiz sempre parecer o Penitente.

51.

Por ser do mesmo Deos o mais amante,
 Lhe descobre o seu peito tão ferido,
 Com hũa pedra que era o diamante,
 Na celeste morada tão luzido:
 Com esta pedra vence ao arrogante
 Lucifer, contra Deos desvanecido,
 E sem mais peito de aço no deserto,
 Com elle briga a peito descuberto.

52.

A pedra com que o Santo ao peito atira,
 He da Corte do Ceo tão celebrada,
 Que he já do mesmo Ceo pedra safira,
 Por estar no Empyreo collocada;
 Seu valor hoje canta a minha lyra
 Em linguagem se bem pouco limada;
 Mas se esta pedra a fieis serve de aprisco,
 Para herejes foy pedra de corisco.

53.

<p>Unida vejo aqui a pedra Christo, Com Jeronymo pedra do deserto, No peito deste Santo bem se ha visto Outra pedra muy dura, & he bem certo, Que as tres pedras que em elle aqui refisto, Imitão da Trindade o seu concerto, Que em tres pedras unidas na igualdade Vio Jacob tres Pessoas da Trindade.</p>	<p><i>Petra erat Christus & lapis inclite deserti.</i></p>
---	---

Húa

54.

Percus- Hũa pedra ferida de hũa vara
fit vir- No deserto deu agoas crystallinas,
ga bis si- Outra pedra deu agoa muito clara
licem, De sciencias suaves, & divinas,
Es agres Com que a Igreja Jeronymo repara,
sa sunt Descobrando nesta agoa ricas minas;
aque Se ferida hũa pedra agoa deu logo,
largissi- Esta pedra em seu peito ferio fogo.
ma.

55.

Os pensamentos vãos, que Paulo sentia
 Para de todo os ver mais acabados,
 N'hũa pedra, q' he Christo, em cõtinentes
 Dà com elles ficando molestados,
 Jeronymo porèm mais penitente,
 Quando só Paulo os deixa magoados,
 Dando em seus pensamentos atrevidos
 Com hũa pedra, os deixa destruidos.

56.

Paulo que teve a palma, & teve o louro. *Habe-*
 De vaso superior mais escolhido, *mus the*
 Confessã que era a alma em nõs thesouro, *saurum*
 Que n'hum vaso de barro anda escõdido; *in vasis*
 Sendo n'alma Jeronymo o mais fino ouro, *fictili-*
 Em hum vaso de pedra andou mettido; *buis.*
 Paulo vaso escolhido foy chamado, *Tu es*
 Jeronymo serà vaso peurado. *vas ele-*
ctionis.

57.

Aquelle contratante do Evangelho *Inventa*
 Descobrimdo húa pedra magestosa, *una pre-*
 No campo, resolveo por bom conselho, *tiosa de-*
 Que merecia pedra tão famosa *dit om-*
 Dar tudo quanto logra, novo, & velho, *nia sua,*
 Por lograr huma pedra tão preciosa; *& com-*
 Jeronymo aspirando à melhor medra, *paravit*
 Por thesouro melhor deu húa pedra. *eam.*

A pe-

58.

*Infixus
est lapis
in fron-
te.* A pedra que na funda ao Gigante,
Fez o tiro David para acaballo,
Tanto estrondo não fez naquelle instante,
Nem pode soar tanto o seu estallo,
Como souu a pedra, ou diamante,
Que no peito do Santo já fez callo,
Golpe de pedernal tão duro, & seco.
Que ouvindo-se no ar, no Céo fez ecco.

59.

*Quis si-
ne pec-
cato est
mitatiu
eam la-
pidem.* A hũa molher lasciva, & deshonestã,
Que a apedrejé (diz Christo) a muita gente,
Porém este mandato o admoesta,
Que o obre quem de culpa está innocêto
Jeronymo para isto aqui se apresta,
Quando com hũa pedra penitente:
Que quem de culpas foy pouco notado,
Pode atirar com pedras ao peccado.

60.

Nas pedras inculpião os antigos
Dos Heroes as acções mais generosas,
Quando com seu valor aos inimigos
Vencião nas batalhas mais famosas:
Jeronymo, que em riscos, & perigos
Os vencèo com acções prodigiosas,
Para ter o laurel, palma, & mais gloria,
Quiz gravar n'humã pedra, a mor vitoria.

61.

Jã o ouro mais puro da virtude
O toca nesta pedra o grande Santo;
Para que o seu valor nunca se mude
Tanto o acryfola aqui, & o apura tanto,
Que delle julgarà o que he mais rude,
Que com mais suavidade, & doce canto
Passando a pedra ao peito como estoque,
Foy ao ouro do amor pedra de toque.

Na

62.

Se a pedra preciosa do diamante,
 Com outra só se lavra, & só se enfeita,
 Sendo pedra Jeronymo brilhante,
 Para fahir polida, & mais perfeita,
 Co a pedra q em seu peito tem constante
 Já pedra preciosa se respeita,
 Com tal pedra na mão ninguem duvida
 Ser pedra de diamante mais polida.

63.

Para se apedrejar a Estevão Santo,
 Movèõ as pedras o odio insolente,
 Jeronymo, de quem devoto canto,
 Seu amor move a pedra impaciente,
 Para da penitencia ser espanto;
 E digo (se o juizo me não mente)
 Que a hum o odio às pedras o condéna,
 A Jeronymo o amor lhe dà tal pena.

64.

Como baixel navega o mar vermelho
Por muito fangue a golpes derramado,
E quando este baixel nos annos velho
Seu curso caminhou tão apressado,
Seguindo o melhor norte em seu côselho,
Do mar da penitencia já agoitado,
Sahio este baixel com boas medras,
Quando por se salvar foy dar nas pedras.

65.

A pedra, que Jeronymo exercita,
Hum duro parto he da natureza
Em quem o mais boçal, & inculto Scitha
Aprende em todo o tempo a mor dureza:
Esta porque melhor nelle compita
Húa igual fantidade a tal pureza,
Là serà sobre o mais luzido astro
Porfido, diamante, ou alabastro.

66.

Pones in O Sacerdote là da ley antiga
eo qua- Donde escripta a verdade com respeito,
tuor or- Com os servos de Deos tem feito liga;
dines la- Sendo pois Sacerdote tão perfeito
pidum. Jeronymo, bem he delle se diga,
 Que essa pedra a feu peito tão ditosa,
 Ficou da Igreja a pedra mais preciosa.

67.

Quão em ardête amor mais se inflâmava
 No rigor do exercicio que fazia,
 A pedra dura que em feu peito dava
 Empunhava na mão com valentia:
 E quando contra si pedras tirava
 Com Christo a fala, a quem tanto quera,
 No combate em que achava tantas medras
 Lhe falava na mão com quatro pedras.

68.

Quando Deos có saber alto, & profundo
 O mundo uniuersal todo formava
 Para elle ganhar ao mesmo mundo
 Com elle parecia que jugava;
 Jeronymo que o orbe ve infecundo
 Para outro ganhar que elle esperava
 C'uma pedra com que entra neste jogo
 Pedras no Ceo preciosas ganhou logo.

*Ludens
 coram
 eo omni
 tempore,
 ludens in
 orbe ter-
 rarum.*

69.

O vulto de seu rosto penitente,
 No deserto mais aspero, & inculto,
 Tendo a pelle nos ossos tão sómente,
 Com tal rigor fazia pouco vulto:
 E sendo de seu Deos o mais temente,
 Se a sua penitencia bem consulto,
 He co calor do Sol, & rijo vento,
 Hum Etiope negro, & macilento.

*Vultus
 Ethiopis
 silva per
 horruit.*

70.

De tigres, de leões acompanhado,
 Jeronymo vivia nos desertos,
Scorpio- Adonde muitas vezes assaltado,
nũ tan- Se via de seus brutos defacertos.
quam Mas aqui o discurso embaraçado,
socius E o juizo duvida com acertos,
ferarũ. Que quem tinha de sabio tantos fruttos,
 Sendo sabio, viver possia entre brutos.

71.

Jeronymo a este ermo solitario,
O deser- Intitula jardim de varias flores,
tũ Chri- Onde como em ameno viridario,
sti flori- He rosa entre os espinhos de rigores:
bis ver- Tambem fez do deserto Santuario,
nans. Onde em colloquios fala a Deos amores,
 E adonde as orações continuadas,
 Flores perpetuas são mais celebradas.

72.

No altar de sua alma em sacrificio
 A Deos se offerencia penitente
 Donde sem ter peccado, nem ter vicio
 No deserto se ve tão excellente,
 Que tendo ao mesmo Ceo tanto propicio,
 Se vio tão levantado, & eminente,
 Que a penha que em licor a terra banha
 Ao Santo lhe servia de peanha.

73.

Em húa solidão aspera, & dura,
 Com rigor tão cruel, tão admiravel,
 Alli do Sol o ardor deforte atura,
 Que à vista se mostrou desagradavel,
 Sofrendo de seus rayos a secura;
 Posto que era em seu trato o mais affavel,
 Sendo brando em palavras, brando no eco,
 Parecia no rosto homem muy secco.

*Et si
quando
repugnã
tẽ som-
nus im-
minens
oppressif-
set, nuda
humo
vix ossa
herentia
collide-
bam.*

74.

Quando o sonno a Jeronymo apertava,
Naó tendo no deserto immundade,
Na terra fria, & nua se lançava:
Porẽm afirmar posso com verdade,
Que ao tempo que mais nella descangava,
Estando em tão deserta soledade,
O amor que em seu peito mais ardia,
Naó podia apagallo a terra fria.

*O soli-
tudo, in
qua illi
nascuntur
lapides,
de, qui-
bus in
Apoca-
lypsi ci-
vitas
magni
regis ex-
truitur.*

75.

Daquella solidão enamorado,
Jeronymo requebros mil explica,
E tanto lhe elevava o seu cuidado,
E de tal forte absorto nella fica,
Que de suas pedras vendo o Ceo ornado
Cã na terra outro Ceo dellas fabrica,
Vindo a achar entre pedras qual tratante
Do Ceo húa safira, hum diamante.

Depois

76.

Depois de ter a carne seca, & fria
 A puras penitencias, & rigores,
 Os incendios crueis tal vez sentia,
 Que da carne impelião seus ardores,
 Mas a sua efficacia, & ousadia
 Jeronymo vencèo com taes fervores,
 Que fazendo do espirito muralha,
 A carne vence o espirito em batalha.

*Sola li-
 bidinũ
 incēdia
 bulie-
 bant.*

*Spiritus
 adver-
 sus car-
 nem.*

77.

Hum curado logrou por muitos mezes,
 Em que empregava todo o seu cuidado,
 E tratando da cura dos freguezes,
 Já mais quiz para si ser bem curado,
 Tratando com rigores muitas vezes,
 Seu penitente corpo desmayado;
 E sendo homem tão lizo, foy portento,
 Que apparecesse sempre macilento.

Si quã- Do estylo da Escrittura ser rasteiro,
do in me A Jeronymo muito o enfastia,
met ip- E como corioso jardineiro,
sum re- Sò flores da eloquencia appetecia,
versus Mas seguindo tão falso, & vão roteiro,
Prophe- O quiz Deos emendar por nova via,
zas lege- E por ser ao profano afeiçoado,
re cœpif- Foy pela mão dos Anjos açoitado.
sem, ser-
mo hor-
rebat in-
cultus.

Para deixar as sciencias mais erradas,
 Tem do Ceo hũa dura disciplina,
 E porque lelse só letras sagradas,
 Que he sómente a sciencia mais divina,
 Com que as almas se vem bem regaladas;
 E assi com tal açoit, & tal ruina,
 Devia ser muy sabio, & muy letrado,
 Quem foy do Ceo tão bem disciplinado.

80.

Porque melhor explique as Escriitturas
Do novo, & velho sacro testamento
Escriitturas do Ceo, fantas, & puras,
Tem do Ceo n'hú açoitado o mór tormento
E por deixar de moço as vâas verduras,
Com fangue se apurava o seu talento;
Que por isso as sciencias bem soletra,
Porq̃ lhe entrou có fangue a melhor letra.

81.

De Deos ao trono excelso apresentado,
Jeronymo exprimenta hum graó castigo,
Porque foy pelos Anjos açoitado,
Porque de ler por Cicero era amigo:
Mas vio-se o illustre Santo nesse estado,
Porque quem era na virtude antigo,
Naó quiz Deos q̃ em taes tépos,taes idades,
Em Jeronymo houesse mocidades.

De

82.

De Jeronymo conta a sua lenda
 Que era Angelico o seu entendimento
Mens Porque delle melhor o mundo entenda,
erat An- O seu raro saber, & o seu talento;
geli. E para que com mais estudo aprenda
 Para ser na sciencia o mor portento,
 Sahio, sendo dos Anjos agoitado,
 De taes mestres discipulo letrado.

83.

Se com disposiçao alta, & divina,
 Hum agoite do Ceo se ve na terra,
 Alli se temeo sempre hua ruina,
 Que Deos em seu agoite duro encerra
 Mas agoite de Deos, que se destina
 Para o grande Jeronymo, desterra
 O estrago mayor, & precipio,
 Que da Igreja arruina o edificio.

84.

Se diante de Deos foy açoitado,
 Jeronymo no Ceo com golpes duros,
 Se foy por mão dos Anjos castigado,
 Entre os muros do Ceo claros, & puros,
 Direi sem ser de culpa aqui notado,
 Entre discursos claros, não escuros,
 Que tal foy de Jeronymo a consciencia,
 Que tambem là no Ceo fez penitencia.

*Illico ob-
 mutui,
 & inter
 verbera
 (nã cadĩ
 me jusse-
 rat) con-
 scientiæ
 magis
 igne tor-
 quebar.*

85.

Açoitado Jeronymo, & ferido,
 Là se vio entre o Ceo mais elevado,
 E o que sómente a Christo he concedido,
 Teve o Santo, por ser de Deos amado ;
 Porque verse no Ceo todo despido,
 Com golpes, & feridas finalado,
 Só foraõ leys a Christo concedidas,
 Verse no Ceo com chagas, & feridas.

*Clama-
 re autẽ
 cœpi, &
 ejulans
 dicere:
 miserero
 mei, hæc
 vox in-
 ter fla-
 gella re-
 sonabat.*

*Quid
 sunt pla-
 ge istæ in
 corpore
 tuo?*

Como

Como a menino os Anjos açoitãrão?
 A Jeronymo Santo, porque leise
 Aquellas sacras letras que adornãrão
 A Igreja de que o Santo já se esquece,
 E quando com o açoitê o maltratãrão,
 Muito melhor o Santo se engrandece,
 Que só pôde avultar hum Anjo digno,
 Tornando-se Jeronymo menino.

Se o adagio, que o mundo traz consigo,
 Que de todos se observa com cuidado,
 Diz: aquelle a quem aino, mais castigo;
 Sendo por mãos de Deos tão açoitado,
 Jeronymo em virtudes tão antigo,
 De Deos presumir pôde que he amado;
 Que as feridas ao amor são muy devidas.
 Porq̃ amor sempre entrou dando feridas.

88.

Em effeito hum açoite rigoroso
 Teve do Ceo Jeronymo divino
 Com que se vio o Santo lastimoso,
 E de olhar para o Ceo se achava indigno,
 Como se fora o homem mais vicioso;
 E he de grande reparo muito digno,
 Que para q̃ a ser Santo mais se affoite
 Tenha do Ceo Jeronymo hum açoite.

89.

Là continua o Santo no deserto
 Os açoites, que à vista de Deos teve,
 Disciplina que aprende com acerto
 Da que teve no Ceo n'um rapto breve,
 E à vista de tal pena, & tal aperto
 O açoite, que em si deu, tinha por leve;
 Porque o açoite da mão de Deos pezada
 Sua carne deixou mais magoada.

Com

90.

Com açoites seu corpo já lastima,
 E a golpes rigorosos mais o affea,
 E quando a sua carne isto lhe intima,
 Abre em cada ferida nova vea,
 Para tirar o fangue que o anima,
 Com húa dura & aspera cadea,
 Tendo o corpo de açoites golpeado,
 No fangue mostra o forro de encarnado.

91.

A tanta penitencia está já feito,
 N'hum deserto Jeronymo o mais puro,
 Pois se bate co a pedra aquelle peito,
 Parapeito he da Igreja, & forte muro,
 Ajuntando a esta pedra o mais estreito
 De cadeas de ferro açoite duro;
 Deforte que a seu peito a pedra inclina,
 E nas costas de fangue a disciplina.

92.

Dous sangues vejo em terra derramados
 Hum de Abel o mais santo, & innocente,
 Outro que a puros golpes, sem peccados,
 Jeronymo derrama penitente,
 Mas estes termos bem considerados,
 Vejo nelles effeitos differentes,
 Que hū no perdão q̄ pede a Deos, se cança,
 Quando outro està bradando por vingança.

*Sanguis
 Abel
 clamat
 ad me
 de terra.*

93.

Em exercicios santos entretido,
 Estava nos desertos apartado,
 Do popular estrondo, & seu ruido;
 E com agoites bem disciplinado,
 Là dava às Escritturas feu sentido,
 Com tão sutil talento, & tal cuidado,
 Que se a mão abre o livro com que ensina,
 Outra mão deixa livre à disciplina.

Aos

94.

Aos açoites crueis o grande Santo,
 Para evitar a fomes do peccado,
 Alli ajunta as lagrymas, & o pranto
 Em que de dia, & noite està banhado;
 E tanto era o açoite, o sangue tanto,
 Que se Christo por elle he açoitado,
 Em Jeronymo Santo bem se ha visto,
 Que com açoites fica hum vivo Christo.

95.

*Ter vir-
 gis ca-
 sus sum,
 semel la-
 pidatus
 sum.* Dos Judeos com tres golpes açoitado
 Foy Paulo o grão Doutor de toda a gente,
 Sendo hũa vez semente apedrejado,
 Do povo mais cruel, mais insolente:
 Em Jeronymo o açoite he continuado
 Sendo em seu peito, a pedra permanente,
 Porquanto em sua carne fria, & nua,
 Sempre a pedra, & o açoite continua.

96.

Dós defertos da Syria fez morada,
 Donde a vida paſſava rigorosa,
 Cos calores do Sol mais abraſada;
 E alli donde o Leaõ fera fogosa,
 Com ardente furor teve aſlomada,
 Sendo a todo o vivente tão dannosa,
 De Jeronymo vendo a penitencia,
 Como a Santo lhe cata reverencia.

97.

Do juizo final amedrentado
 Com temores Jeronymo vivia;
 Confidera de hum Anjo o grande brado,
 Que os homês chama a tão tremendo dia
 Este final o tinha transportado
 Naquella voz que da trombeta ouvia;
 E por mais serem os eccos perſebidos,
 Lhe falava a trombeta a ſeus ouvidos.

*Semper
 illa vox
 ſonat in
 auribus
 meis:
 Surgite
 mortui
 venite
 ad judi-
 cium.*

D

De

98.

De hum Pontifice o honra a santidade,
 Quando de Roma habita as nobres salas,
 E certo que causou graõ novidade
 Que alli vestisse o Santo ricas galas,
 Quando tanto despresa as vaidades,
 Que são contra a virtude fortes balas,
 E que quando do mundo retirado,
 Então se vista todo de encarnado.

99.

Por sua taõ formal sabedoria
 Teve de Cardeal logo hum capelo,
 Em quem de assento o mundo todo via,
 De sua propria Igreja, o mayor zelo,
 Porque nella já mais se lhe perdia,
 O àtomo mais breve, o menor pelo,
 E por ser eminente na sciencia,
 Tambem de Cardeal teve Eminencia.

Que

100.

Que muito que hum Pontifice proveja
 De Igreja singular, ao grande Santo,
 Sea toda a universal, & santa Igreja
 Jeronymo affistio, & servio tanto?
 E affi naõ he já muito que se veja,
 Sem que haja nota algũa, ou cause espanto,
 Sirva à particular com novos ditos,
 Quem serve a universal co seus escrittos.

101.

Bellem casa de Pam intitulado,
 De Jeronymo foy doce aposento,
 Aonde fez retiro, & fez morada,
 E alli gosou o paõ de entendimento,
 E da sabedoria agoa estremada,
 Servindo-lhe ao Santo de alimento;
 E alli se sustentou de Pam florido,
 Aonde o Pam do Ceo se vio nascido.

*Cibavit
 illum
 Domi-
 nus pa-
 ne vita,
 & intel-
 lectus.*

Introi- Là dizia David com grandes brados,
bimus Que teria o lugar mais precioso,
in taber Aonde teve Deos seus pès sagrados
naculū Quando mais em seu trono glorioso;
ejus a- Jeronymo tendo dôes mais finalados
dorabi- Em Bellem a Deos logra mais ditoso;
mus in Hum o lugar dos pès de Deos sō teve,
loco ubi O outro o lugar todo aonde esteve.
steterūt
pedes e-
jus.

Edifica em Bellem quatro conventos,
 Que forão os jardins de suaves flores,
 Dondê fez suas celas, & aposentos,
 Em que filhos, & filhas com primores,
 Do cheiro de virtudes dão alentos,
 E sendo dignos todos de louvores,
 Se na terra brilhavão flores bellas,
 No Ceo resplandecêrao como estrellas.

104.

Alli se vio da rosa peregrina,
A purpura no sangue continuado,
Que à força do açoite, & disciplina,
Té em duros, & crueis golpes, e derramado
Alli se vio do Ceo a clavelina,
No jasmim da pureza o seu traslado,
E na penitencia taó completa,
O pardo, & triste corda violeta.

105.

Tanto neste jardim de flores brilha,
O vistoso da candida açucena,
Que em tal jardim a flor mais maràvilha
A' vista desta flor he muy pequena,
Alli toda esta flòrida quadrilha,
De virtudes ao Ceo cheiros ordena;
Jeronymo, que ao Sol olha constante,
Entre estas flores foy a flor gigante.

Consultava com sua consciencia
A morte, que aos viventes lhe faz guerra,
E faz ainda em morte penitencia,
Lançando-se despido sobre a terra,
Sendo taõ conhecida sua innocencia:
Porèm se o meu juizo aqui naõ erra,
Se despido em Bellem Deos ha nascido,
Quiz o Santo em Bellem morrer despido.

Ao querer deixar a breve vida,
Para se ir gozar a permanente,
Se dispõem com fervor para a partida,
Recebendo o Senhor devotamente,
Alli com reverencia mais subida,
Como taõ verdadeiro, & penitente,
Pondo ao tomar a Deos no Ceo os olhos,
Quiz em terra ter sem pre seus giolhos.

108.

Em colloquios divinos todo absorto,
Com hũ Christo nas mãos lhe fala amores,
E para caminhar ao feliz porto
Não sentia da morte os seus rigores,
Porq̃està vivo ao Ceo quando mais morto,
E perdendo da morte os seus temores,
Do ceo da bocca então com muita graça,
De hum ceo a outro Ceo sua alma passa.

109.

Estando o santo corpo já defunto,
E todos com os olhos lacrymosos,
E da communidade o corpo junto,
Alli chorão sua morte faudosos,
E todos de sua penna no assumpto,
O encommendão com lances amorosos,
E para que qualquer delles entenda,
Que sua alma ao Ceo vai de encómenda.

110.

Na cova de Bellem o enterraraõ
 Onde havia nascido o Verbo eterno,
 E onde seus lindos olhos derramaraõ
 Lagrymas com hú peito brando, & terno,
 Alli seus ossos secos sepultaraõ
 Com mais faudofo affecto, mais interno,
 E o que servio de berço à luz mais pura,
 Ao Santo lhe servio de sepultura.

III.

Lanção o corpo à terra que banhada,
 Com o fangue do Santo sempre esteve,
 Com tal contacto já santificada:
 Naquelle espaço, & abertura breve,
 Se vio a santidade mais granada,
 E qualquer bom juiz afirmar deve,
 Que terra em que se vio virtude tanta,
 Bem se pôde chamar a terra santa.

112.

Para ter mais honrada sepultura,
 Se defenterra o corpo de seu posto,
 Que levantado se acha, & em tal altura,
 Que affastado da terra, & bem composto,
 Recusava o estar na terra dura,
 Onde se achava alli com pouco gofio;
 Que se fua alma pura o Ceo a encerra,
 Violento estaria o corpo em terra.

113.

A terra em que ao Santo enterraraõ,
 Com virtude ficou taõ milagrosa,
 Que aos mortos que nella se lançaraõ,
 Lhes communica a vida mais gostosa,
 Effeitos, que ao juizo já admiraraõ,
 E he fua sepultura tão gloriosa,
 Que se aos mortos có vida os té contentes,
 Qual Ceo parece a terra dos viventes.

*Credo
 videre
 bona
 Domini
 in terra
 viven-
 tium.*

Hum

114.

Hum sepulcro se lavra de alabastro,
 No qual se mettèo seu corpo santo,
 Mas seguindo Jeronymo o humilde rastro,
 Se passou do sepulcro ao humilde canto
 Da terra, em que o destina melhor astro,
 E sua cova humilde estima tanto,
 Que havia, quem de humilde tanto cura,
 Recusar ostentosa sepultura.

115.

Logo naquella noite subsequente
 Aparecèo a hum Santo, & lhe predisse,
 Que seu corpo estaria permanente
 Alli, atè que a terra toda visse
 A destruição fatal, & insolente,
 Do barbaro infiel, & infelice,
 E depois quem seu merito bem soma,
 O havia trasladar d'alli a Roma.

Entran-

116.

Entrando os infieis na terra fanta,
Donde fizerão tantas mortandades,
Que ao coração mais terno muito espanta,
Não guardando ao sagrado immundades,
Assolaó, & destroem reliquia tanta,
Mas entre tão atrozes crueldades,
De impuras mãos havia estar seguro,
Hum corpo, que na vida foy tão puro.

117.

Seu santo corpo a Roma foy levado
Na cappella do Prezepio ficou posto,
Que quem foy da virtude o mor traslado,
E de hum exemplo raro tão composto,
De hum á outro prezepio trasladado
Deve ser dos fieis com muito gosto;
Bellem casa de Pam de Deos assiento,
O passou junto ao Pam do Sacramento.

Oh

Oh tu que nessa esfera mais luzente,
Logras do Sol divino a luz mais pura,
Despede hum rayo teu resplandecente,
Com que no Ceo tua luz tanto se apura,
Que sem teu resplandor preeminente,
O quererte louvar serà locura,
Que teu raro discurso, & teu talento,
Suspende a todo o humano entendimento.





SONETO

DE CONS O A N T E S F O R C , A D O S ,
em esdruxulos ao mesmo Santo.

JEronymo , que em letras foy oraculo,
 E da Corte do Ceo , o mais politico,
 A quem a penitencia fez estitico,
 E da morte o tornou hum espectaculo.
 O que de toda a Igreja fora o baculo,
 Mestre nas letras todas scientifico.
 O que em estylo claro, & nada crytico,
 Hórou de Deos a Igreja, & o Cenaculo:
 O que ao hereje mais vil, & mais intrepido,
 A sua mà opiniaõ desfez mais barbara,
 Tocando da Escriitura a doce cythara.
 Com penna mais discreta, & estylo lepidio,
 Com voz muito expedita, & naõ tartara,
 A thiara da Igreja honrou, & a mitara.

SONETO

DE COMS O MATES FORCADOS

Erroutra: que em terras for ornado,
E de cor do ceo, o mais polido,
A quem a peitancia lex estica,
E da morte o tornou hum espectaculo,
O que de toda a lizeja fora o baculo,
Mette nas terras todas descuidado,
O que em os olhos e nas civico,
Honrou de Deus a lizeja e o consilio:
O que ao barão mais e mais se apido,
A sua mae e o pai deice mais barbado,
Tocando a lizeja a doce echar,
Com penas e a lizeja e a lizeja e a lizeja,
Com voz nuno e obediente e a lizeja,
A lizeja de lizeja honrou e a lizeja.



VIDA DO GLORIOSO
SAM BRUNO,
 PATRIARCA, & FUNDADOR
 da sagrada Religiaõ da Cartuxa.

I.



Prodigio mayor da santidade,
 E da virtude o objecto peregrino,
 O exemplo universal da castidade,
 O Santo que no obrar foy mais divino,
 O emprego mayor da divindade,
 O que no amor de Deos foy o mais fino,
 Se com divino Santo o meu verso uno,
 Cantar quizera aqui do grande Bruno.

2.

Dizer quero em oytavas a historia,
 De hum prodigio em virtudes extremado,
 Para que fique mais na memoria,
 Sendo com oytavario festejado;
 Que hum Santo q̄ hoje logra tanta gloria
 Deve ser com oytavas celebrado,
 Pois que na excellencia tanto brilha,
 Que foy sempre hũa oitava maravilha.

3.

Favor invoco a ti Musa divina,
 Que dès à minha penna alento, & brio,
 Que se es do alto coro a peregrina,
 De tua protecção muito confio,
 Descobrir hum thesouro, & hũa mina,
 Bebendo as claras agoas do teu rio,
 Porque fique em teu coro por memoria,
 Quem co' os Anjos formou coro de gloria.

4.

Mas porèm Musa minha neste dia,
 Parece que invocarte aqui se escusa,
 Que hum Santo que em mayor sabedoria
 Deixa a mesma sciencia mais confusa,
 Outra erudição pede, outra energia;
 Que não he bem se louve hoje por musa
 A quem foy em Pariz por graó letrado
 Nas mayores sciencias laureado.

5.

Nasce Bruno no mundo em feliz signo
 Para ser de Alemanha a mayor gloria,
 E no seu nascimento peregrino
 Deixa aos annaes antigos já memoria,
 Porque foy nas acções tanto divino,
 Que pòde com ralaó dizer a historia,
 Que se a Colonia he adorno à mòr belleza,
 A colonia orna Bruno com grandeza.

E

Esta

6.

Esta parte da terra mais famosa
 Produzio como Ceo claro, & luzente,
 Hum Sol em Bruno, ou estrella luminosa,
 Quando logo se vio em seu oriente,
 Com carreira mais rapida, & fogosa,
 Sobe logo a lugar tão eminente,
 Que sobe sem que o tempo vario o mude
 Ao levantado monte da virtude.

7.

Como Sol q. ao nacer nas mãos da Aurora
 Apparece por cima de altos montes,
 E deixando os gentis campos de Flora,
 Lá gira por sublimes horizontes,
 É celebrado da Ave mais canora,
 Retrataó sua belleza as claras fontes,
 Assi cantaó de Bruno com doçuras,
 Seu nascer, Ayes, montes, fontes puras.

8.

De menino nascèõ tão inclinado
A's letras, à virtude, & santidade,
Que no exercicio dellas empregado,
Se mostrou em sua tenra, & pouca idade
Que em milicia do Ceo o bom soldado,
Desde o berço se ensaya a ser deidade,
Porque acções pueris (se isto consultas)
Sempre foraõ presagio das adultas.

9.

Sendo pois já de idade competente,
De Pariz quiz cursar toda a sciencia,
Donde engenho mostrou tão eminente,
Que igualou o saber, com a prudencia,
E sendo admiração da douta gente,
Toda logo julgou com evidencia
Que como a fabio grande, & tão letrado,
Se lhe deve em Pariz o Doutorado.

IO.

No tēplo Cathedral de Rhés se emprega,
 Em húa preminente Conezia,
 Nella ao culto divino só se entrega,
 Côm zelo, com fervor, com alegria,
 E de forte sua alma a Deos se chega,
 Com rara edificação da clerisia,
 Que a Deos levanta a voz, & no que canta,
 O espirito ao Ceo tambem levanta.

II.

*O cla-
vis Da-
vid.* Na musica foy tão destro, & vifto,
 Que por querer cantar com melodia,
 Cantou por melhor clave, que foy Christo,
 A quem com voz sonora o canto guia,
 Nella se vio tão destro, & tão previfto,
 Que se algum dia a musica provia,
 Pelos breves da terra sempre errava,
 Sò as longas do Ceo as acertava.

12.

Nesta musica faz gentis mutanças,
 Passando do terreno, ao celeste,
 E com sonoras vozes nas mudanças
 O papel porque canta muy bem veste;
 Foraõ nella as esperas esperanças,
 Com que dos bês do Ceo já se reveste;
 E as fugas que esta musica continha,
 Para Deos, & para o Ceo as encaminha.

13.

Na poesia foy muito eminente
 Sem de Poeta usar os fingimentos,
 Hypocrisia tal que não consente
 Quê de Deos tâto guarda os Mandamêtos;
 Ao mais douto, devoto, & penitente,
 Nella doutrina dava, & documentos,
 E o conceito que fórma com effeito,
 He sômente de Deos o seu conceito.

14.

Nella foy seu saber taõ relevante,
 Que por povoar de Deos a fertil vinha,
 Compoz em verso heroico, & elegante,
 Os Psalms que David composto tinha,
 De seu famofo metro, & consoante,
 Para seu Deos sómente se encaminha;
 E em conceitos muy varios, & diversos,
 Sò a Deos invocava em graves versos.

15.

Affistindo às exequias de hum letrado,
 Que em Pariz parecia douto, & santo,
 E havendo hum assistente começado
 A lição de defuntos, com espanto
 Levantou o defunto a voz turbado,
 Que aos circunstantes move a triste prãto,
 Dizendo, que por justo juizo eterno,
 Estava condênado ao inferno.

16.

Testimunho provavel, & approvedo,
 He quanto testimunhaõ as pinturas
 Deste taõ miseravel condénado,
 E se tiraõ de varias scritturas
 Como do mesmo Deos foy reprovado,
 E todas com raões muito seguras,
 Declaraõ já por letra, & por escrito,
 O horrendo lugar deste precito.

17.

Esta voz que do lago mais profundo	
Aos ouvidos de Bruno atemoriza,	
Sendo voz de hum danado, & infecundo,	
Foy voz que com espanto a Bruno avisa	<i>Saule,</i>
Que desprese os caducos bês do mundo,	<i>Saule,</i>
Resolução que deve ser precisa,	<i>quid me</i>
E se húa voz do Ceo converte a Saulo,	<i>perse-</i>
A Bruno a voz do inferno o faz hû Paulo.	<i>queris!</i>

18.

Em hũa mesma escada Jacob via,
 Que espiritos ao Ceo alto subião,
 Outros que pela mesma fenda, & via,
 Ao mais baixo lugar, nella desciaõ,
 E o espirito que ao baixo mais descia,
 Servia de degrão aos que ascendião,
 Este que a penna desce taõ notoria,
 De degrão serve a Bruno para a gloria.

19.

A Bruno, que ligeiro, & muito prestes
 Intentava mudar o trato, & vida,
 Lhe apparecem do Ceo Anjos celestes,
 Que do mundo o puseraõ em fugida;
 Para a raiz dos Alpes mais agrestes,
 A Bruno cada qual Anjo o convida,
 Porque de taes raizes sem verdores,
 Nascessem de virtudes, varias flores.

Resol-

20.

Resolve-se em effeito o grande Santo
 A deixar deste mundo as vãs promessas,
 E as lagrymas nos olhos, todo em pranto,
 Vendó as glorias do mundo taõ aveças,
 E que estas erão todas doce encanto,
 Que serve de esvair grandes cabeças,
 Ao ver daquelle grande a triste sorte,
 Fala a seus companheiros desta sorte.

21.

Que fazemos, Senhores, occupados
 Nas especulações da Theologia?
 Que nos importa o sermos tão letrados,
 Se exprimentaõ os olhos neste dia
 Que os mais sabios se viraõ condénados?
 Cesse pois da vaidade esta porfia,
 Pois que aos mais ignorantes salvar vemos,
 E nós com nossas letras nos perdemos.

Para Bruno seguir seu pensamento
 O Ceo descobre a Hugo graó Prelado
 Sette estrellas do alto firmamento
 Nas quaes reconhecêo representado,
 De sette varões nobres seu intento;
 Sendo Bruno entre os seis mais finalado,
 Segue o que o pensamento lhe dibuxa,
 Nas mais asperas ferras da Cartuxa.

*Vidi-
 mus stel-
 lam ejus
 in ori-
 ente.*

Com hũa nação barbara se empenha
 Todo o Ceo em mostrar-lhe a Deos nascido
 Em hũa estrella clara, que desgrenha
 Seu bello resplendor, farol luzido,
 Servindo-lhe a tres Reys de clara senha,
 Para darem a Deos culto devido;
 Se hũa estrella a tres Reys dà luzes bellas,
 Para Bruno se empenhão sette estrellas.

24.

Mostrando o Ceo de estrellas seu alinhó,
 Logo Bruno do mundo se desterra,
 E tomando o mais aspero caminho,
 Caminha para o Ceo deixando a terra,
 Em hũa aspera serra faz seu ninho;
 Que foy serra da estrella, a herma serra,
 Pois quanto como estrella ao Ceo se planta
 Bruno melhor da terra se levanta.

25.

Na terra da Cartuxa toma porto,
 Quando Bruno navega o mar do mundo,
 Donde a contemplaçáo em Deos abforto
 Para elle foy o empenho mais jocundo,
 E achando em sette estrellas seu conforto,
 Ca na terra deixou o orbe immundo,
 E para navegar Bruno mais fabio,
 Lhe mostra o mesmo Ceo o astrolabio.

De Bruno sette estrellas foraõ guia,
 Que o conduzio a vida mais estreita;
 O numero de sette foy o dia
 Em que a obra acabou Deos mais perfeita.
 Que foy do Ceo, & terra a monarchia:
 E tanto Deos nesta obra se deleita,
 Que se nos sette dias tem folgança,
 De Bruno em sette estrellas Deos descansa.
*Comple-
vit Deus
die sep-
timo, &
reque-
vit ab
univer-
so opere.*

Se o setteno foy sempre infausto indicio
 Do risco indubitavel da doença,
 Hum setteno de estrellas muy propicio
 Para Bruno he feliz sua presença,
 Pois dando Bruno morte ao mesmo vicio,
 Bem ja reccar pòde de que o vença,
 Que para elle de estrellas o setteno,
 Sempre ao mortal peccado foy veneno.

28.

Em sua Igreja fórma o Autor da graça,
 Hum Ceo de doze estrellas reluzentes,
 E sendo Capitaõ da melhor praça,
 Aos Apostolos fez Manutenedentes;
 Se doze estrellas fórma a sua traça,
 Em luzes como Sol resplandecentes,
 Na Religião de Bruno he bem se veja,
 Que sette estrellas ornaõ sua Igreja.

*Elegit
 duode-
 cim ex
 ipsis.*

29.

Esse Ceo que se adorna de diãmanthes,
 Com estrellas brilhantes, & luzidas,
 Posto que luzes sejaõ taõ brilhantes,
 Hum tempo se haõ de ver do Ceo cahidas,
 Mas de Bruno as estrellas radiantes,
 Que firmes sempre estaõ ao Ceo unidas,
 Quando fintaõ ruinas luzes bellas,
 Sempre firmes seraõ suas estrellas.

*Cadent
 de Calo
 stella.*

30.

Vê ao Filho de Deos o Evangelista,
Haben- Quando na sua gloria magestoso,
tem in E dispensando Deos à sua vista,
mann e- Sette estrellas em numero famoso,
jus stel- Em sua mão divina alli resista;
lus sep- Este successo taó mysterioso
tem. Mostra claro o pincel que isto debuxa,
 Que as sette estrellas são da graó Cartuxa.

31.

Iusti He cousa averiguada, & muy notoria,
autem Se estaó na mão de Deos luzes taó bellas,
in ma- Que as tenha muito firmes na memoria,
nu Dei E que o melhor juizo julgue dellas,
sunt. Que se em tal mão os justos tem a gloria,
 Têdo pois Deos nas mãos as sette estrellas,
 De Bruno a Religiaó, sem muitos custos,
 Igualarão ao numero dos justos.

32.

De dia brilha o Sol na fermosura,
 Quando já dà a lograr seus resplandores,
 As estrellas porèm na noite escura,
 Luzê por entre sombras, & entre horrores,
 E quando o Sol do mar faz sepultura,
 Ostentaõ as estrellas seus candores;
 Bruno de sette estrellas coroado,
 Sò deu luzes à noite do peccado.

*Sole in
 potestate
 diei; lu-
 nam, &
 stellas in
 potestate
 noctis.*

33.

Sette estrellas no Ceo se vem fermosas,
 A que chamaõ do norte a sua barca,
 Sette estrellas se vem religiosas,
 As quaes o Ceo da Igreja hoje abarca,
 Cujas accões, por serem generosas,
 Sua luz não consome a dura Parca,
 Estas são as que seguem a melhor sorte,
 Na Cartuxa, levando a Deos por norte.

Em

34.

Em fôrma de coroa bem tecida
 De estrellas mostra o Ceo com melhor loa
 Que das guerras do mundo mais renhidas,
 Tem os filhos de Bruno a melhor coroa;
 Se arriscaõ com rigor as mesmas vidas,
 He bem se seu louvor já tanto soa,
 Que a Bruno, & aos seus filhos por victoria,
 Coroas lhe pepare o Ceo de gloria.

35.

*In capi-
 te ejus
 corona
 stellarũ
 duode-
 cim.* Se de estrellas hũa coroa magestosa,
 Que vio o Evangelista o confessa,
 Na celeste cabeça da esposa,
 Por seguir do deserto a asperesa,
 De estrellas tem coroa luminosa
 Bruno quando este vaõ mundo despresa,
 E affi busca fugindo de sacertos
 Da Cartuxa os mais asperos desertos.

34.

Promette Deos aos justos por vitoria,	
(Se o meu entendimento aqui não erra)	
Dar coroa no Ceo de immortal gloria,	<i>Possuisti</i>
De pedras de mais preço, que elle encerra,	<i>in capite</i>
Mas se he cousa constante, & bem notoria,	<i>coronam</i>
Que essas taes pedras são filhas da terra,	<i>de lapi-</i>
Melhor coroa o Ceo de luzes bellas,	<i>de preti-</i>
Quando a Bruno coroa dà de estrellas.	<i>oso.</i>

35.

Em fórma de coroa reluzente,
 Que cõpõem sette estrellas mui brilhantes,
 Se representa Bruno penitente
 Com companheiros seis de Deos amantes,
 Que no aspero, duro, & abstinente
 São da Igreja luzidos diamantes,
 E se he da terra o corpo, & do Ceo a alma,
 O Ceo lhe dà a coroa, a terra a palma.

36.

Ao darem os antigos liberdade
Ao cattivo que os tinha bem servido
Para lograr de tal felicidade,
Jà lhe tinha o Senhor apercebido
Coroa de pomposa majestade ;
Aos filhos de Bruno esclarecido
Ter coroa de estrellas melhor fundo,
Quando já a servidaõ não tem do mundo

37.

Caminhou ao deserto retirado
Bruno que o Ceo buscava ca na terra,
Deixando da cidade o povoado,
Quando para a Cartuxa se desterra,
E de estrellas luzidas coroadado
Ao demonio lhe fez continua guerra,
E notando da terra o infecundo,
Libello de repudio deu ao mundo.

38.

Na balança do juizo o mundo peza,
 E vendo que seus bês pezaõ taõ pouco,
 E por ser circular naõ tem firmesa,
 A suas doces vozes se fez mouco,
 E quando serve a Deos com tal prestesa,
 Por ver as sem rasões do mundo louco,
 De seus bês temporaes se descontenta,
 Que se saõ temporaes, feraõ tormenta.

39.

Para hũa inculta, & dura terra,
 Do mundo, & falsos bês defenganado,
 Com seus seis companheiros se desterra,
 E em campanha do Ceo melhor soldado,
 Vencendo as vaidades ca na terra,
 Triunfou do inferno, & do peccado,
 E pondo na Cartuxa hũa emboçada,
 Vencida deixa a carne rebelada.

*Spiritus
 adver-
 sus car-
 nem.*

F ij

Jã

40.

Jà depois de habitar a serra inculta,
 Perseverando nella hūs poucos annos,
 Sua regra co'os Monjes a consulta,
 Que ha mister mais esforços q̄ os humanos,
 E desta conferencia lhes resulta
 Dos bês todos do mundo defenganos,
 E co' a resoluçãõ, que Bruno toma,
 Vay com seis companheiros para Roma.

41.

Hum Pontifice em Roma presidia,
 Discipulo de Bruno, dos que em França
 Sua sabia doutrina alli aprendia,
 E vendo deste Santo a tal mudança,
 E a virtude, em que tanto florescia,
 Com taõ subtil juizo isto alcança,
 Que sendo Padre santo com verdade,
 De Bruno aprender pode a santidade.

Na

42.

Na Curia Romana se appresenta
Bruno co' aquelles Santos companheiros,
Que na rota de Roma mais attenta,
Seguem do illustre Santo os seus roteiros;
E logo que entra nella Bruno, intenta
Com affectos iguaes, & verdadeiros,
E com a mais sincera consciencia,
Dar ao grande Pastor obediencia.

43.

Da Igreja universal o mór Prelado,
Em quem consiste a Fé mais verdadeira,
Vendo a Bruno, lhe mostra grande agrado,
Porque havia da Fé por a bandeira
No lugar mais excelso, & levantado,
Defendendo da Igreja a fiel fronteira,
E para destruir do hereje a sanha,
Logo o fez General desta campanha.

44.

A todos os affaltos dos contrarios,
 Com que tanto invadião nossa Igreja,
 Com muy claras razões, discursos varios,
 Bruno com graó valor sempre peleja,
 Para a força impedir dos adversarios,
 Com talento, & com animo forceja,
 E assi logo applacou tantos ruidos,
 Deixando herejës impios destruidos.

45.

De Bruno os companheiros desejosos,
 De tornarem à sua soledade,
 De sua quietação mais sequiosos,
 Todos pedem a sua santidade,
 Licença com obsequios primorosos,
 A qual lha deu com bem difficuldade,
 Porque queria em seu pontificado
 De taó santos varões, ver-se ajudado.

46.

Só a Bruno não permite que se aparte,
De sua companhia, & de seu lado,
Porque divisa nelle engenho, & arte,
Para assi o ajudar em seu estado;
E porque o considera invicto marte,
E da christãa milicia graó foldado,
Vendo de tal talento o seu estylo,
Julga ter nelle zelo, & ter asilo.

47.

Em fim o Pastor summo, que regia
A Igreja, de Bruno satisfeito,
Lhe quiz dar de hũa Igreja a prelazia,
E tendo-o Arcebispo della eleito,
Vendo as obrigações que isto trazia,
Quiz antes que trazer a Cruz no peito,
Com mais admirações, & mais aslombros,
O trazer esta Cruz sobre seus hombros,

48.

Largou das dignidades as delicias,
 Por seguir o mais aspero caminho,
 E por ter as virtudes taõ propicias,
 Mais quiz hum sayal grosso, do que o linho,
 E quiz mais do que roupas Pontificias,
 O humilde escapulario, ou bentiño,
 E de sua humildade acompanhado,
 Estima mais ser bento, que sagrado.

49.

O bago pastoral alli regeita,
 Porque a Episcopal autoridade
 Era opposta a sua vida taõ estreita,
 E se não quiz do bago a dignidade,
 Que aos perigos està tanto fugeita,
 Sò foy para plantar na soledade
 A vinha do Senhor sem muito estrago,
 Onde nella não perde o menor bago.

A mi-

50.

A mitra, que he o ornato da cabeça,
Com q̄ todo o Arcebispo mais se adorna,
Toda esta honra Bruno alli despresa,
E de rara humildade tanto se orna,
Na humilde, & pobre vida que professã,
Que a sua solidade outra vez torna,
Mais que mitra de Bispo com bom zelo,
Estimando de Monje o seu cappello.

51.

Alli dando a seus Monjes grãde exêplo
No exercicio, que tem de suas cellas,
De virtudes parece hum Ceo, hú templo,
Ceo, porque tantas nelle produz estrellas,
E templo, porq̄ em Bruno já contemplo
Hum adornado Altar de ricas telas,
Onde a virtude nelle nunca encalma,
Sendo o ornato melhor para a sua alma.

Nesta

52.

Nesta solidão, chea de asperesa,
 Andando o graó Rogerio caçando,
 Deu com Bruno, & seus filhos na dureza,
 Onde os achou alli todos orando;
 Admirou-se de ver tal estranheza,
 E os cães q a traz da caça vaó ladrando,
 Peras buscando, & lobos carniceiros,
 Alli daó com mansísimos cordeiros.

53.

Estes bruttos sem luz, & sem consello,
 Por mais superior, & alto destino,
 Vendo alli retratado como em espelho,
 Naquelle humano ser tanto divino,
 E a Bruno que em virtude, sendo velho,
 Em tão grande innocencia o vê menino,
 A este pois que orando a Deos acharaó,
 De giolhos ante delle se prostraraó.

54

Antonio Portuguez esclarecido
 Vio os peixes do mar rude obedientes,
 Applicando ao Sermão seu o ouvido,
 Que os herejes fugiaõ imprudentes,
 Com taõ grande milagre parecido
 Se vio Bruno com lances diferentes,
 Que se a Antonio do mar os peixes oraõ,
 Os animaes na terra a Bruno adoraõ.

55

Fazendo ao illustre Santo reverencia
 Os brutos vio-se alli restituido,
 O primeiro estado da innocencia,
 Que pela culpa Adão teve perdido,
 E o que à grandeza aspira sem prudencia
 Esta a perdèõ alli por presumido,
 Mas Bruno q̃ de humilde logra os fruttos,
 Lhe daõ obediencia os mesmos brutos.

Vendo

56.

Vendo Rogerio Conde generoso,
 D'aquelles Hermitaes sua asperesa,
 Liberal lhes concede, muy gostoso,
 Húa comprida legoa da devesa
 Para seu domicilio venturoso,
 E posto mostre o Conde esta grandeza,
 Elles julgaõ alli bellas alcovas
 As suas subterraneas, & vis covas.

57.

Naquella solidaõ taõ defabrida,
 E naquella asperesa defusada,
 Alli mortificava Bruno a vida,
 Quando se mete na agoa congelada;
 Porèm todo o juizo aqui duvida,
 Que húa alma de delictos taõ lavada,
 Com lances taõ crueis, & defusados,
 Pudesse lavar culpas, nem peccados.

58.

Tanto em fogo de amor o Santo ardia,
 Tanto para com Deos já se abraçava,
 Que o incendio de amor, que em si sentia,
 Sua alma mesma tanto a inflammava,
 Que do fogo de amor sempre vivia,
 E affi desta mesma agoa, que o banhava,
 Bem della presumirte pôde logo,
 Que o incendio não apaga de tal fogo.

59.

Bruno com seus devotos companheiros,
 Para que da memoria logo borre,
 Os bês do mundo tão percedeiros,
 Por aquelle inculto ermo já discorre,
 Buscando só do Ceo os verdadeiros,
 E em hum lugar, que todos chamaõ torre,
 Fez desta torre Bruno com seu zelo
 Contra o peccado torre, & fez castello.

60.

Occupado entre santos exercicios,
 Por aquelles desertos rigorosos,
 Dando batalha rija aos mesmos vicios,
 Coroado de lauros gloriosos,
 Teve sempre por si os Ceos propicios,
 Inviçto contra si bés enganosos,
 Estes em variedade diferentes,
 Aquelles sempre hús, & permanentes.

61.

Hum paraíso de flores deleitoso,
 Hum muy fresco jardim de varias flores,
 Entre o deserto inculto, & rigoroso,
 Bruno o povoou de mais verdores,
 Que posto que o rigor era penoso,
 Mostra alli da pureza os seus candores,
 E posto que era a terra pouco amena,
 Em Bruno produzia húa açucena.

62.

Das riquezas da terra defasido,
Da pobreza do ermo enamorado,
A' voz daquellas nunca deu ouvido,
A esta applicou sempre o seu cuidado,
Naquellas se julgava por perdido,
Nesta se considera por ganhado,
E hum ganaperde aqui joga com manha,
Pois quando perde o múdo melhor ganha.

63.

Quando co' a penitencia mais enfermo,
Com mayor valentia então se achava,
Por quanto na aspereza daquelle ermo,
A sua alma mayor alento dava:
No austero da vida não fez termo,
E do mayor rigor nunca cessava,
E sô hum termo fez com melhor sorte,
Que para o mundo foy termo de morte.

A sua

64.

A sua austeridade, & penitencia,
 O tornava das forças acabado,
 Porque era tanta, & tal sua abstinencia,
 Que aquelle deserto inhabitado,
 Seu frequente rigor, & continencia,
 Muy estitico o tinha, & muy myrrhado;
 Se na Deserta a myrrha se acha certa,
 Ao deserto fez Bruno hũa deserta.

65.

Do deserto, em que Bruno está mettido,
 Seguindo da virtude o melhor norte,
 E fugindo da Corte o seu ruido,
 O tira o Papa Urbano para a Corte;
 Vio-se de Bruno o Papa obedecido,
 Submettendo-se o Santo de tal sorte,
 Que quando o Vice-Deos quiz lhe assistisse,
 Lhe obedecia como se a Deos visse.

66.

Da milicia da Fé melhor soldado
Ao graão Capitaão della, o Padre santo
Valente acompañhou sempre a seu lado,
Para aos herejes dar terror, & espanto;
Vendo o sacro concilio convocado
Na defenfa da Igreja, obrava tanto,
Que sendo Bruno della hum claro espelho,
Delle toma o Concilio o seu conselho.

67.

Depois em outro Arcebispado eleito
Se vio segunda vez o illustre Santo,
Mas como ser podia delle aceito
Quando o estado de Monje estimou tanto?
E como era este o seu melhor conceito
Torna, por dar ao mundo novo espanto,
Como quem foge de perigos certos,
De Calabria a seus asperos desertos.

68.

A Bruno o acclamaraõ os Doutores
 Muro forte da Igreja, em quem se via,
 Sem admittir já mais competidores,
 A mais luzida, & fiel sabedoria,
 Que sombra de ignorancia, nem errores,
 Nunca em taõ claro juizo os admittia,
 E com sabedoria opportuna
 De toda a Igreja foy forte colúna.

69.

A' mais rara virtude poz o fello,
 Porque na deixaçaõ da propria terra,
 De hũ Abrahã foy o mais proprio modelo,
 Quando da cara patria se desterra,
 De hũ Moyfes teve aquelle ardente zelo,
 Na observancia da ley, que em si encerra,
 E assi ao mesmo Cco melhor conquista,
 Porque foy do deserto outro Baptista.

70.

Entre ferras, & montes muy gigantes,
 Entre riscos, & penhas levantadas,
 Montes, que no rigor jogaõ montantes,
 Penhas, que na dureza daõ pedradas,
 Onde os ventos affopraõ muy constantes,
 E as calmas fervem mais continuadas,
 Tudo isto escolhe Bruno sem abrigo,
 Para o corpo tratar, como inimigo.

71.

Da Religiaõ de Bruno a abstinencia
 Húa Quaresma he continuada,
 Onde he taõ grande sua penitencia,
 Que quando a carne vêm necessitada,
 Tem por sua mayor co^oveniencia,
 De immundicias de carne naõ ter nada,
 Que antes hum se verá morto, & finado,
 Que verse de immundicias maculado.

Gj

Do

72.

Do arminho observaraõ os mais antigos,
 Se acofiado se vê dos caçadores,
 Que antes quer padecer mortaes perigos,
 Que consentir manchados seus candores:
 São os filhos de Bruno os inimigos
 Do regalo da carne, & seus labores,
 Dados à penitencia, & jejuns duros,
 E todos sem ter mancha arminhos puros.

73.

Em continuo silencio exercitados
 São os filhos de Bruno puro, & Santo,
 Martyrio q̃ o impio Rey aos condenados
 Dava por mor rigor causando espanto:
 A seus Monjes deu tou martyrizados
 Bruno na guarda de tormento tanto:
 Pois David lamentando seus destroços
 Diz que o silencio lhe secara os ossos.

*Quonia
 tacui in
 vetera-
 verunt
 ossa mea*

No

74.

No palacio do Ceo onde Deos mora
 Em que a contemplaçãõ he mais devida,
 Se teve sô hum silencio de meya hora,
 Sem que palavra algũa fosse ouvida,
 Porèm no Ceo de Bruno se melhora
 O silencio perpetuo da vida,
 E sô com Deos no Ceo lhe fala amores,
 Quando algum Monje seu lhe dà louvores.

*Factum
 est silen-
 tium in
 celo
 quasi
 media
 hora.*

75.

De branco, q̃a cor he propria da gloria
 A seus illustres filhos Bruno veste,
 Porque tendo do Ceo feliz memoria,
 Do mundo escusaráõ a infausta peste;
 E porque delles diga a sua historia,
 Que ao cilicio que Bruno lhe reveste,
 A seus olhos de amor ardentes fragoas.
 Vestem tambem de chamalote de agoas.

76.

Do mundo retirados, & escondidos,
 Profissão a perpetua clausura,
 Para que com seu Deos só entretidos
 Possuaõ de seu rosto a fermosura,
 Que parece chegou a seus ouvidos,
 De Paulo hũa infallivel escriptura,
 Onde com reverencia diz devida,
 Que sua vida com Christo està escondida.

*Vita
 nostra
 abscon-
 dita est
 cum
 Christo.*

77.

He cada Religioso em seu convento
 Ao vil trato do mundo já escondido,
 Hum mysterio profundo, hũ Sacramento,
 Porque de cada qual tenho entendido
 Que esse branco sayal que veste atento,
 He o seu accidente mais luzido;
 Porque he cada hum delles sem engano,
 Angelica substancia em ser humano.

Bruno

78.

Bruno, & fua familia mais querida,
 Quando escondida ao mundo se desterra,
 Qualquer dos filhos seus, pedra he luzida,
 Que no engaste mais fino amor enferra,
 Porque he coufa muy certa, & bem sabida,
 Que ao mais fino diamante esconde a terra,
 E ao mesmo Deos lhe deu culto devido
 Moyfes, porque o adorou Deos escondido.

*Vere tu
 es Deus
 abscon-
 ditus.*

79.

De hum jasmim que nas Indias se cria
 Se diz, que antes q' o Sol lance seus rayos,
 Para que affi dê lustre ao mesmo dia,
 Tem cuberta a belleza com desmayos,
 Porém descobre logo a galhardia,
 Quando o Sol ao nascer faz seus enfayos,
 Mas quando sua luz o Sol desterra,
 Outra vez à belleza, a flor enferra.

80.

São os Brunos jasmins; pela brancura,
 Que esperaõ ao Sol Christo de contino,
 E para verem delle a fermofura,
 Se abrem todos a voz de hum brando fino,
 Por gozarem a luz deste Sol pura :
 Mas em quanto não vem o Sol divino,
 Que vaõ lograr no coro desvelados,
 Estaõ dentro nas cellas sepultados.

81.

Tem as accções de sorte ao Ceo unidas
 Quando vivem do Ceo mais anciosos,
 Que às dilicias da terra aborrecidas
 Velando em sua regra cuidadosos,
 Muito melhor empregão suas vidas
 Em taõ continua vella temerosos;
 Que sempre està em vella desta sorte,
 Quem co' a vella na mão espera a morte.

82.

Os montes da Cartuxa povoados
 De varões se estaõ védo ao mundo mortos,
 Em puro amor do Ceo taõ abrazados,
 Que a toda a hora em Deos estão absortos,
 E de forte na gloria transformados,
 Que nella tomaõ mais seguros portos;
 Tendo ao Ceo o caminho mais direito,
 Ao passo que navegaõ pelo estreito.

83.

Hum ermo lhes dà Bruno solitario,
 E nas suas mais concavas cavernas
 Fabricaõ de penhascos fantuario,
 Em que lograõ do Ceo luzes eternas,
 Cada aposento fica hum relicario,
 Deposito fiel de accões supernas,
 Receptaculo sendo a Monjes tantos,
 Como reliquias já de muitos Santos.

*Coram
 Deo, &
 sanctis
 ejus, &
 reliquiis
 istius
 eremi.*

Em

84.

Em effeito familia que he taõ pura,
 Que ainda ao mesmo Ceo espanto dava,
 Pois no proprio rigor tanto se apura,
 E tanto a fragil carne já domava,
 Que parece que só a sepultura
 Para seus ossos secos lhe restava,
 E assi em Deos suspensos, & absortos,
 Parecem mais que vivos, homẽs mortos.

*Solum
 mihi se-
 per est
 sepul-
 chrum.*

85.

De Bruno a aspera vida, & mais austerã,
 Para seus filhos era espelho claro,
 Com que passãõ além da azul esfera,
 Inimitavel vida, & trato raro,
 Que tão grande de Bruno o rigor era,
 Que nunca a carne deu nenhum reparo,
 Repartindo a seus filhos sem porfias,
 O espirito duplex de outro Elias.

Quan-

86.

Quando nos cânaes de agoas sequiôfas,
Mansas as ovelhas de Jacob bebião
Lhe poz varas de cores mysteriôfas,
Para que as suas crias, que pariaõ,
De varias cores fossiem mais fermôfas;
Nas agoas da doutrina que corriaõ
De Bruno, a seu rebanho muitos molhõs
De varas de rigor lhe punha aos olhos,

87.

Da terra se despede Bruno Santo,
Por partir a lograr o Sol divino,
Mas quem della não teve o doce encanto,
Por viver sempre nella peregrino,
Já não sente da morte o triste pranto,
E assi posso dizer (se nisto atino)
Não se aparta do mundo, nem desterra,
Quem nunca avaliou por patria a terra.

88.

No Ceo aonde em mansa, & doce calma
 O nosso illustre Santo já descansa
 Possui o corpo do cilicio a palma,
 E a alma do silencio a mor folgança,
 Que se Bruno em calar não se desalma,
 E em cilicio trazer não fez mudança,
 Dirêmos que hoje tem o Ceo propicio,
 Quem com silencio o leva, & com cilicio.

89.

Quid times anima mea!
 Se Ilario Santo, puro, & penitente,
 Quando là na Thebaida vivia,
 Tendo a hora da morte tão presente,
 Receosa a sua alma já a temia;
 Bruno se acha na morte tão valente,
 Que à mesma morte, ousado a desafia,
 Porque a morte não he para temida,
 De quem se portou sempre morto em vida.

Nos

90.

Nos braços có hū Christo acõpanhado,
Se vê na sua morte Bruno Santo,
Que se com Deos vivèo crucificado,
Qual vivèo outro Paulo, não me espanto
Que tivesse na Cruz Christo a seu lado
Aquelle que na vida o amou tanto,
E que em braços de Christo seja visto,
Quem nos braços vivèo sempre de Christo.

91.

Com ancias, & suspiros amorosos
Na mão de Deos entrega a alma Santa,
Deixando aos Monjes todos faudosos
Com tanto sentimento, & magoa tanta,
Que a mostraraõ em seus olhos lacrymosos;
Mas quando todos choraõ, Bruno canta,
Porque se vê num ermo inhabitado,
De Anjos em sua morte acompanhado.

92.

Lançaõ seu Santo corpo à terra dura,
 Tomando no Ceo a alma o feliz porto,
 E o rigor que atè a morte tanto dura,
 Parece o conservou depois de morto,
 Porque se a cella foy a sepultura,
 Quando com Deos estava mais absorto,
 Da vida ajunta a morte com tal ancia,
 Que desta à morte fez pouca distancia.

93.

O que vivo ensinou ao mundo inculto,
 Com exemplo fiel da fantidade,
 Quando na sepultura se acha occulto,
 Melhor ao mundo prèga esta verdade,
 E se fala Ezequiel com brando vulto,
 A hûs àridos ossos noutra idade,
 Os ossos de S. Bruno sendo humanos,
 Estaõ falando ao mundo desenganos.

*Ossa ari
 da su-
 ditever-
 bû Dei.*

Bem

94.

Bem junto a seu sepulcro se repara
 Com devota atençaõ à fé devida,
 Nascer alli húa fonte de agoa clara,
 Que a enfermos dà faude, a mortos vida,
 De Deos a divindade summa, & rara,
 Por Bruno Santo vèmos dividida,
 Porque de Deos no Ceo, excelso monte,
 Sempre da vida se està vendo a fonte.

*Apud te
 est fons
 vita.*

95.

De húa asperrima penha seca, & dura
 Com hũ brado, que a Deos Bruno levanta,
 Tira agoa crystallina, clara, & pura,
 Efeito da oraçaõ devota, & santa.
 Quando Moyfes da penha, agoa procura,
 Com húa vara a golpes a quebranta;
 A voz de Bruno de penhascos duros,
 Mais facilmente tira crystaes puros.

Húa

96.

Húa planta de sette folhas bellas,
 Nasce junto a esta fonte crystallina,
 Húa superior a todas ellas,
 Que para o grande Bruno se destina
 Abaixo quatro, que quem chega a velas
 Dos prestes quatro o numero declina,
 Duas que no lugar infimo se assentaõ
 A dous frades converfos representaõ.

97.

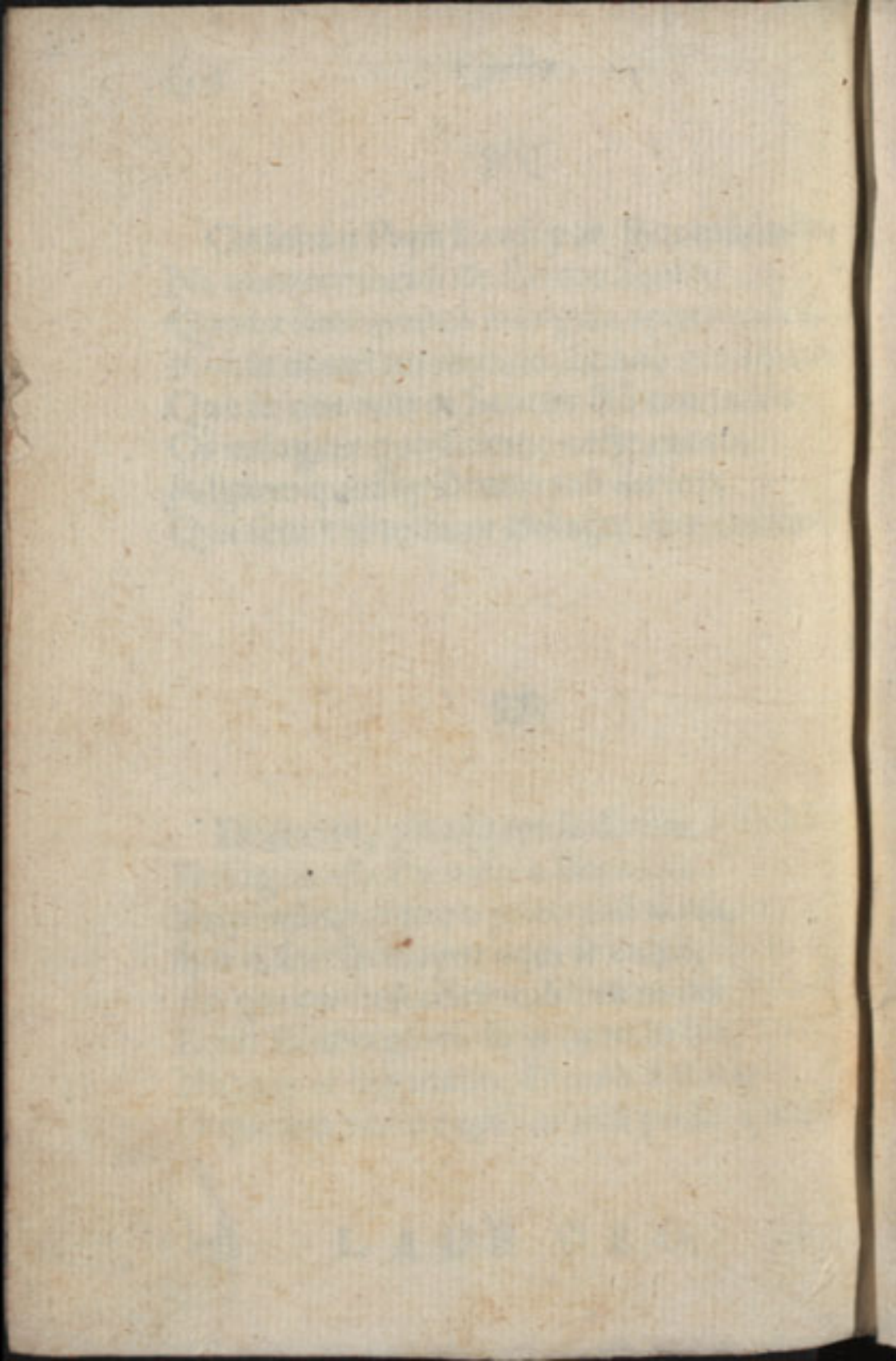
A mesma terra humilde, & o Ceo luzido,
 Ambos daõ testimonho dos fervores
 Com que Bruno, & seus filhos haõ vivido:
 De pureza taõ grande nos candores,
 Com os quaes tem ao mundo suspendido,
 O mostra a mesma terra em sette flores,
 E que sejaõ brilhantes luzes bellas,
 O Ceo o testimunha em sette estrellas.

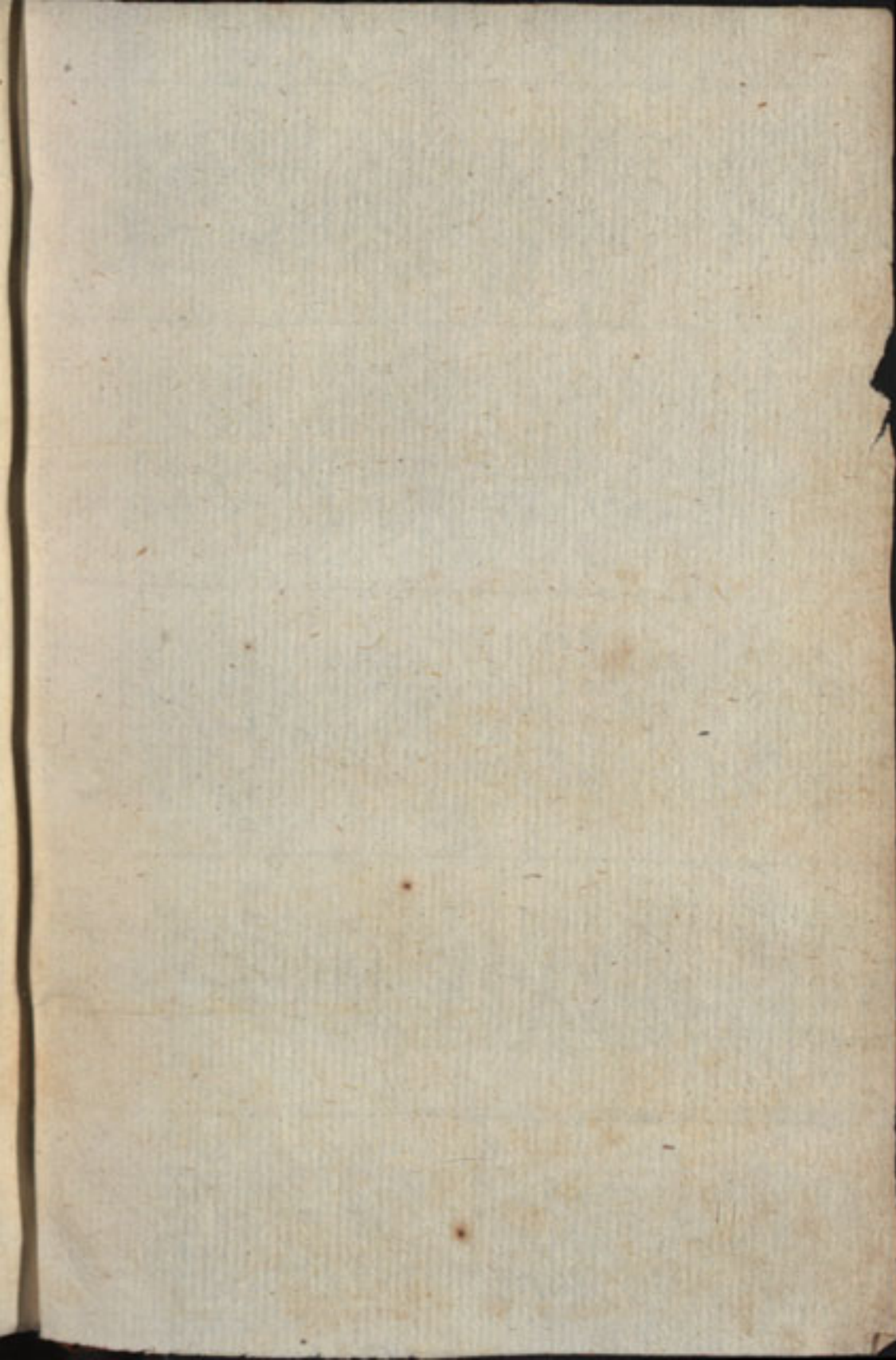
94.

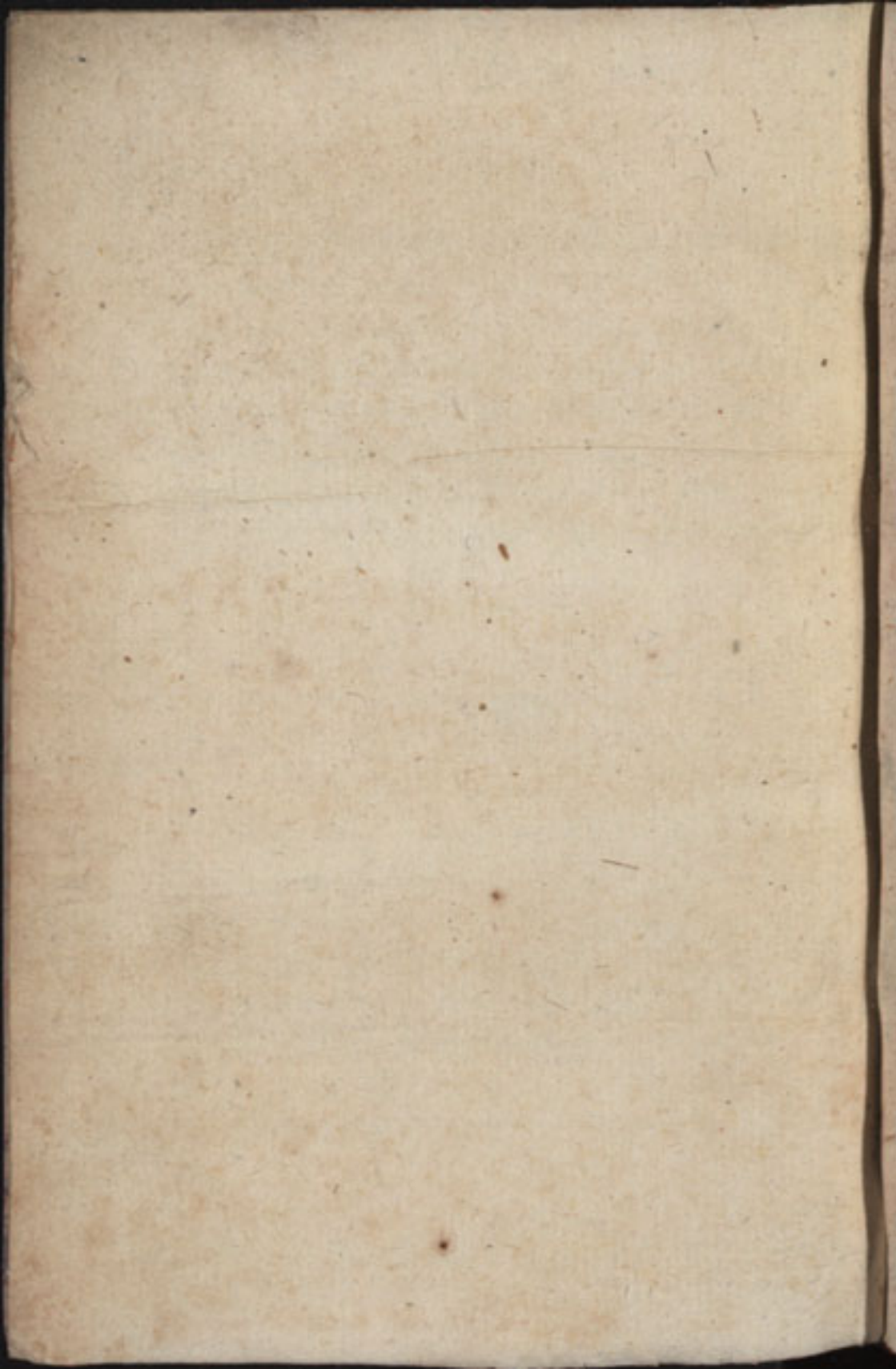
Hum prodigio que ainda hoje dura,
 Se nota no lugar que a Bruno encerra,
 E he que havendo no campo affaz verdura
 Não produz cousa verde aquella terra,
 Aonde está de Bruno a sepultura,
 Mas seu corpo a verdura alli desterra,
 Que ainda morto explica quanto o cança,
 Deste mundo húa vaa verde esperanza.

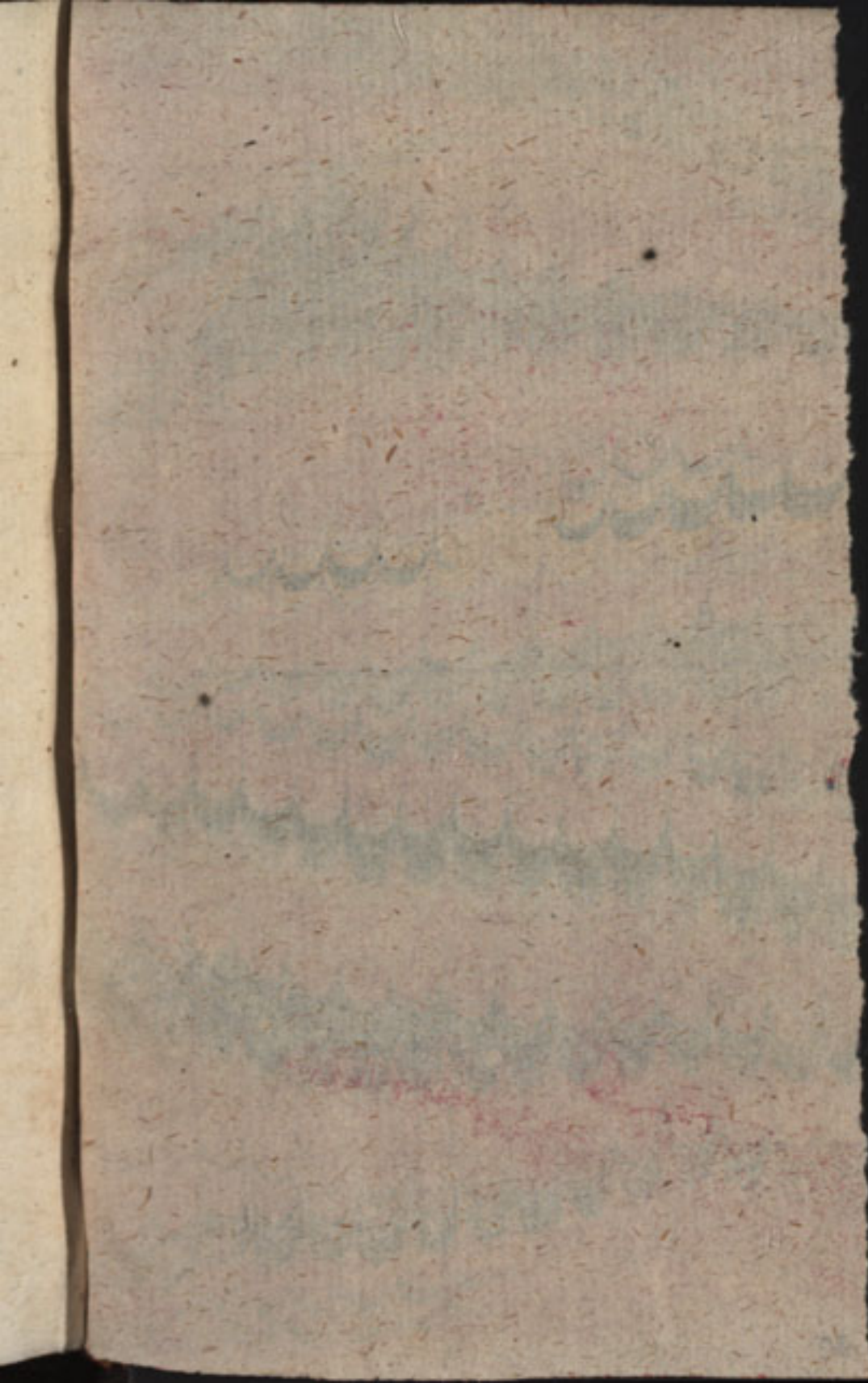
95.

Hoje à vista de Deos a mayor gloria,
 Logra Bruno no Ceo sem nenhum susto,
 Porque de Deos na celica memoria,
 Ha de estar quem no mundo foy tão justo, *In me-*
 Que delle desprefou a vil escoria, *moria*
 Pois o Ceo leva Bruno a tanto custo *eterna*
 Na gloria perduravel que hoje piza, *erit ius-*
 Que sendo homem mortal, se immortaliza. *tus.*



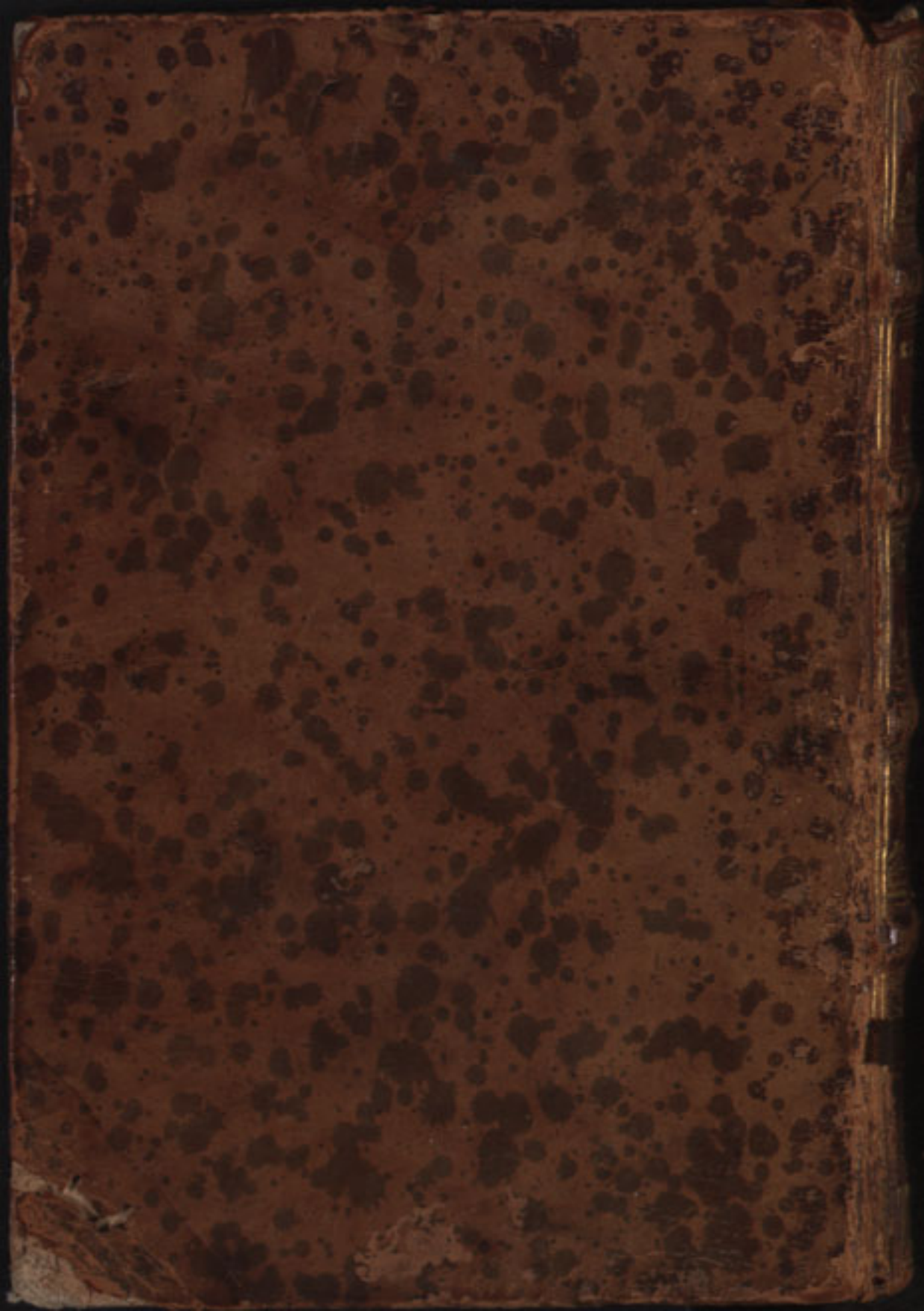














ESPR.
LHO

